VILA CULTURAL

Edição 158 • **Ano 14** • *Seu Jeito de Ler* • Junho 2017

AS INVENÇÕES DO AMOR

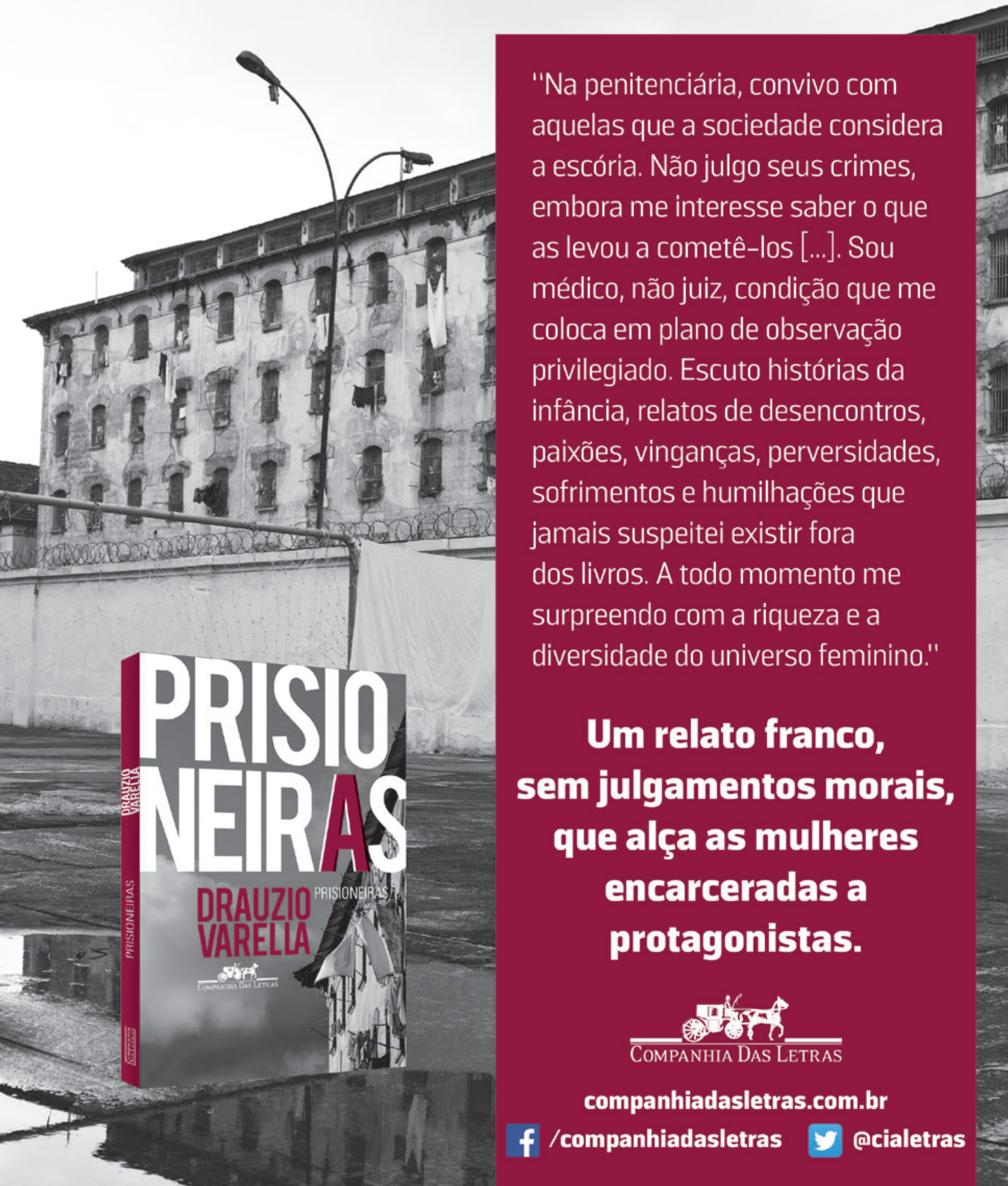
Dos quadrinhos à neurociência, o sentimento que sempre inspirou livros ganha abordagens sob medida para enfrentar a “cultura do ódio” ou presentear no Dia dos Namorados

ENTREVISTA
Lira Neto fala sobre biografias, jornalismo e samba

DESPEDIDA
O adeus ao professor Antonio Candido

ARTIGO
Por que o Homem-Aranha virou ícone pop

O NOVO LIVRO DE DRAUZIO VARELLA SOBRE O SISTEMA CARCERÁRIO BRASILEIRO



"Na penitenciária, convivo com aquelas que a sociedade considera a escória. Não julgo seus crimes, embora me interesse saber o que as levou a cometê-los [...]. Sou médico, não juiz, condição que me coloca em plano de observação privilegiado. Escuto histórias da infância, relatos de desencontros, paixões, vinganças, perversidades, sofrimentos e humilhações que jamais suspeitei existir fora dos livros. A todo momento me surpreendo com a riqueza e a diversidade do universo feminino."

Um relato franco, sem julgamentos morais, que alça as mulheres encarceradas a protagonistas.

COMPANHIA DAS LETRAS

companhiadasletras.com.br

/companhiadasletras **@cialetras**

4editorial
Por Samuel Seibel

Foto Renato Parada/Divulgação

6entrevista
Lira Neto fala sobre jornalismo, biografias e samba

Ilsutração Jonas Ribeiro

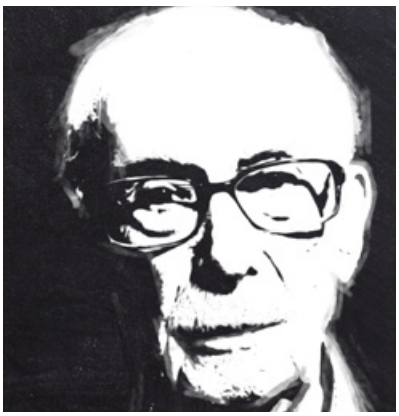
12capa
Em tempo de "cultura de ódio", todo o poder ao amor

18artigo
Por que o Homem-Aranha virou um ícone pop

22viagem
As lembranças recentes do *Navegar é Preciso*

26debate
Thales Guaracy e Carol Teixeira conversam sobre feminismo

28lançamento
João Anzanello Carrascoza autografa a *A trilogia do adeus* na Fradique



30retrato
A despedida do professor Antonio Candido

32programação
Cursos, teatro, lançamentos e outras atrações da agenda de junho

38nossas dicas
Sugestões para ver, ouvir e ler

NOSSAS LOJAS

FRADIQUE COUTINHO
R. Fradique Coutinho, 915
11 3814-5811

LORENA
Alameda Lorena, 1731
11 3062-1063

MOEMA
Av. Moema, 493
11 5052-3540

SHOPPING PÁTIO HIGIENÓPOLIS
Av. Higienópolis, 618
11 3660-0230

SHOPPING JK IGUATEMI
Av. Juscelino Kubitscheck, 2041
11 5180-4790

SHOPPING CIDADE JARDIM
Av. Magalhães de Castro, 12000
11 3755-5811

Campinas
GALLERIA SHOPPING
Rod. Dom Pedro I, s/nº
19 3706-1200

Curitiba
PÁTIO BATEL
Av. do Batel, 1868
41 3778-7150

Guarulhos
PARQUE SHOPPING MAIA
Av. Bartholomeu de Carlos, 230
11 3728-9110

Londrina
AURORA SHOPPING
Av. Ayrton Senna da Silva, 400
43 3329-6776

www.livrariadavila.com.br

Trabalhe conosco:
rh@livrariadavila.com.br

MISTO
Papel produzido a partir de fontes responsáveis
FSC® C011095

A Revista *Vila Cultural* é uma publicação mensal da Livraria da Vila • Editor-chefe: Samuel Seibel seibel@livrariadavila.com.br • Editor: Flavio Seibel flavio@livrariadavila.com.br • Jornalista responsável: Sérgio Araújo MTB - 4422 • Publicidade: Gil Torres gil@livrariadavila.com.br • Programação: Gil Torres e Wilson Junior wilson@livrariadavila.com.br • Estagiária de eventos: Beatriz Quina • Revisão: Valéria Palma • Colaborou: Gabriel Anton e Paula Skromov • Estagiária de criação: Izabel Mendes • Capa & Diagramação: Jonas Ribeiro jonas@livrariadavila.com.br

Encontros de longo alcance

No início de maio realizamos a sétima edição do *Navegar é Preciso,* projeto da Livraria da Vila em parceria com a Auroraeco, no qual juntamos público, autores e músicos para uma viagem de barco, no Rio Negro, Amazonas.

Mas não é sobre isso que tratará este editorial. Até dá vontade de contar como foi, de tão intensos e interessantes que são os cinco dias de viagem.

O que vou relatar tem a ver com a natureza, sua força e a sua total interação e influência (será que tem mesmo?) sobre nós, humanos.

Relato 1, dois passeios: chuva fortíssima no barquinho que nos levava para nadar com os botos e na ida para uma prainha.

Ser molhado pela chuva na floresta amazônica é ser abençoado. No entanto, não é essa a percepção inicial das pessoas. A água cai pesada, incomoda, tira da zona de conforto.

Mas espera lá, não estamos na avenida Paulista, não temos compromisso nem reunião, não vamos a nenhuma festa, nossas roupas não precisam ficar sequinhas e nossos "penteados" não desmancharão.

Estamos no meio da maior *rainforest* do Universo, por que a surpresa?

Assim como veio, a chuva vai embora. Em pouquíssimos minutos, o sol reaparece, todos se secam naturalmente e a felicidade retorna. Aos poucos, todos vão assimilando o que vivenciaram e reconhecem que foi "legal", "indolor", "mais fácil do que parecia".

A natureza nos brindou, reagimos num primeiro momento e depois soubemos usufruir e aprender que nem sempre é como a gente quer. Na verdade, dependendo de onde você está, é até melhor.

Relato 2, encontro das águas do Rio Negro e Solimões.

Ao longo de seis quilômetros, as águas escuras do Rio Negro correm paralelas às barrentas do Solimões. Cada rio com a sua história. Respeitam-se, aceitam as diferenças, não se bicam, é verdade, mas conseguem, justamente por não prevalecer um sobre o outro, criar lá na frente o Rio Amazonas, imponente, soberano, fruto do melhor – e do pior – de cada um dos rios que o criam.

Talvez seja ingênuo achar que o exemplo da natureza poderia inspirar os Homens. Ainda mais no momento que estamos vivendo. É, pode ser. Mas melhor isso do que entregar os pontos. Já pensou se o Solimões decidisse abandonar o "barco" no meio do caminho?

Boa leitura.

Abraços. Samuel.

Foto Gil Torres

INSPIRADO NO CULTO LIDERADO PELO AMERICANO CHARLES MANSON, QUE CULMINOU EM UMA SÉRIE DE ASSASSINATOS NA DÉCADA DE 1960, O ROMANCE ABORDA MUITO MAIS DO QUE UMA NOITE DE VIOLÊNCIA — É SOBRETUDO UM RELATO DO MAL QUE CAUSAMOS A NÓS MESMOS NA ÂNSIA POR PERTENCIMENTO E ACEITAÇÃO.

As garotas
Emma Cline

"A estreia de Emma Cline reverbera com uma prosa surpreendente, brilhante e repleta de vitalidade. *As garotas* marca a chegada de uma nova voz impressionante à ficção literária americana."
—**JENNIFER EGAN**, AUTORA DE *A VISITA CRUEL DO TEMPO*

"Emma Cline tem um olhar inigualável diante das complexidades da juventude feminina, transformando o mito em algo bem mais pessoal. Ela nos lembra que por trás de muitas fábulas de nossa cultura existe uma garota: despercebida, sem voz, furiosa. Um livro arrebatador."
—**LENA DUNHAM**, CRIADORA DA SÉRIE *GIRLS*

Já nas livrarias • Disponível também em e-book
intrinseca.com.br/asgarotas

intrínseca

Um biógrafo do Brasil

Em plena ação para desvendar harmonias e conflitos do samba, o escritor e jornalista Lira Neto, um devoto da boa reportagem, diz que quer descentralizar certezas com personagens "contestados e amados"

Profissão: repórter. É assim que o jornalista e escritor Lira Neto se identifica no *check-in* de um hotel, por exemplo. Em 2001, quando trocou as redações de jornais pela tarefa de escrever livros históricos, apenas "reformatou" o prazer enorme que sente com pautas que são verdadeiras "encrencas", tamanho o empenho, a pesquisa, o trabalho e a dedicação de que dependem para render boas histórias. Nas palestras que faz Brasil afora, Lira, de inquietação confessa, reafirma o amor pela reportagem repetindo que sua maior conquista é poder se dar ao luxo de se dedicar durante cinco anos a uma pauta e não mais escrever pensando em laudas ou centímetros, mas em centenas e centenas de páginas. É o que tem feito com maestria, de um jeito admirável, numa trajetória que o coloca entre os mais prestigiados nomes do mercado editorial brasileiro. Recentemente, trouxe a público *Uma história do samba – As origens* (Companhia da Letras), o primeiro (de uma série de três) volume em que o gênero musical é o protagonista. Como outros que têm a assinatura do jornalista nascido em Fortaleza e radicado em São Paulo, é um projeto fascinante, que Lira planeja concluir em 2019. O escritor já publicou, entre outros, *Castello – A marcha para a ditadura* (Contexto, 2004), *O inimigo do rei – Uma biografia de José de Alencar* (Globo, 2006), *Maysa – Só numa multidão de amores* (Globo, 2007), *Padre Cícero – Poder, fé e guerra no sertão* (Companhia da Letras, 2009) e a série biográfica, também em três volumes da Companhia das Letras, sobre Getúlio Vargas. Sua dedicação aos livros tem tido reconhecimento à altura do rigor do pesquisador e da fluência do autor. Na categoria biografia, Lira já venceu quatro vezes o Prêmio Jabuti de Literatura, além de acumular diversas outras premiações. Leia a seguir trechos da entrevista que ele concedeu à *Vila Cultural*.

Vila Cultural. Você gosta de entrevista?
Lira Neto. Gosto. A entrevista é uma das tarefas mais sedutoras e mais difíceis do jornalismo. Porque desenvolvem-se duas capacidades: a da escuta, artigo raro hoje em dia – já que as pessoas não têm muita disponibilidade e disposição para ouvir o outro –, e, por consequência, esse exercício de escuta oferece também um exercício de alteridade, de você se colocar no lugar do outro, mais um artigo em falta nos dias que correm. Por outro lado, quando você está no lugar do entrevistado – e não é a escuta, mas a fala – acaba descobrindo coisas, verbalizando pensamentos e sensações que não tinha parado para pensar, reconstituindo determinadas histórias ou até mesmo expondo algumas ideias que são pensadas no ritmo da fala. Acho a entrevista um gênero nobilíssimo do jornalismo.

VC. E o que pensa sobre jornalismo hoje?
LN. Como observador, me entusiasmo com as possibilidades que se abrem para prática de um jornalismo multiplataforma. Vejo e percebo de forma muito positiva algumas iniciativas de jornalismo compartilhado, em rede, que utiliza recursos multimídia como vídeo, áudio e *podcasts*. O monopólio da informação foi quebrado, já que você não depende dos grandes veículos para se informar ou produzir informação. Por outro lado, temos certa Babel informativa, que dificulta estabelecer critérios. Tradicionalmente, o que o jornalismo sempre fez? Era um mediador entre os fatos, a informação bruta e o leitor. Cabia ao jornalismo e ao jornalista essa função de mediação. Hoje isso implodiu. Percebo, principalmente no jornalismo impresso, que os antídotos que se têm buscado, na verdade, soam e se assemelham mais a tiros no pé do que propriamente remédios. O jornalismo fez uma opção autodeclarada por ser mais compacto, por tentar inclusive mimetizar alguns dos códigos das novas tecnologias, das redes sociais. E há uma certa "facebookização" do jornalismo. Isso, pra mim, é muito preocupante do ponto de vista da perda da qualidade. Principalmente percebendo que os jornais e as revistas de um modo geral fizeram uma opção por aumentar o número de colunistas e diminuir o número de reportagens, o que é uma opção

Foto Renato Parada/Divulgação

O escritor Lira Neto, autor de *A história do samba – As origens*, planeja concluir, até 2019, a série de três livros que ele publica pela Companhia da Letras

claramente econômica, financeira, porque é muito mais caro você ter bons repórteres do que ter excelentes colunistas. A reportagem é um artigo caro, mas para mim é a única possibilidade de sobrevivência, a única forma possível de os jornais continuarem a ser relevantes do ponto de vista da recepção do leitor. Percebo isso com muita preocupação. Como sou um jornalista que hoje dá entrevistas, especialmente quando lanço um livro, observo uma certa fragilidade de quem está na redação. Uma fragilidade da informação e da formação principalmente. Os jornais fizeram uma opção clara por uma mão de obra mais barata e isso prejudica o produto final, o que é visível na queda de qualidade das publicações.

VC. Não é um fenômeno exclusivamente brasileiro.

LN. Não é. É mundial. O avanço das redes sociais como plataforma de informação só agrava esse problema porque ao mesmo tempo que as pessoas parecem nunca ter tido tanta informação disponível, também nunca pareceram tão desinformadas. Essa avalanche informativa acaba provocando certa cegueira. É como a poluição visual. Quando São Paulo era cheia de placas por todos os lados, você não via nada, não identificava nada. Quando você limpa, começa a ver a paisagem, a ver os detalhes. Esse tsunami informativo provoca, na verdade, muito mais desinformação do que informação. E agora que a gente começa a discutir o *fake news* [notícias falsas] e a pós-verdade [substantivo incluído no *Oxford Dictionaries* em 2016 para definir situações em que informações objetivas são menos importantes para formar a opinião pública do que os apelos às emoções e às crenças pessoais], isso só tende a se agravar. E a gente vê nitidamente determinados segmentos, inclusive o da política partidária, adotando essas práticas de pós-verdade como plataforma, como estratégia de campanha. É muito preocupante. Então, caberia ao jornalismo recuperar – para usar um trocadilho do mestre Alberto Dines – o seu papel, saber qual é o papel do jornal. Ou seja: é fazer um jornalismo compacto, superficial, anódino, às vezes claramente manipulativo, ou recuperar essa essência de um jornalismo analítico e que tenha na reportagem a sua grande ferramenta de compreensão da realidade?

> Há uma certa 'facebookização' do jornalismo. Isso, pra mim, é muito preocupante do ponto de vista da perda da qualidade.

VC. Você acaba de assumir como colunista da *Folha de S. Paulo.* O que essa atuação/função significa para você?

LN. É muito interessante porque por mais que eu esteja presente nas redes sociais – divulgando o meu trabalho, sem fazer qualquer espécie de proselitismo ou de ativismo –, escrever para um jornal de grande circulação, que tenta fazer um jornalismo minimamente plural, é uma forma de canalizar determinadas reflexões e determinadas posições num meio cada vez mais tomado por um conservadorismo avassalador. Então, funcionar ali como uma nota dissonante para mim é muito interessante. Trazer questões como o elitismo cultural, como o que se viu na retirada da roda de samba da Biblioteca Mário de Andrade, ou falar da espiral de violência contra os direitos indígenas, pode ser entendido como uma espécie de trincheira, não no sentido de que eu vá ser o colunista engajado – porque pode ser que um dia eu decida escrever sobre o coelho da Páscoa –, mas para mim é uma forma de posicionamento político no sentido não partidário da coisa. Eu evito, na confusão que se tornou a política brasileira, fazer qualquer espécie de militância partidária. Tenho as minhas preferências, sou um homem de esquerda, tenho uma formação humanística, mas prefiro não levantar bandeiras específicas do ponto de vista de partidos, de agremiações, até para manter um pouco a minha autoridade de fala, para poder ter respeito naquilo que digo, ou seja: "ele não está dizendo isso porque é filiado a este ou aquele partido".

VC. Mas há muitos "ruídos" no ar, não?

LN. Às vezes, nesses ruídos informativos, acontecem coisas muito interessantes. Não só em relação às colunas, mas em relação ao meu próprio trabalho de autor de livros. As reações são as mais esquisitas e divertidas. Por exemplo, o meu trabalho sobre Getúlio Vargas já foi definido por um colunista conservador como "obra de um petralha". Ao mesmo tempo, um blogueiro que está no campo ideológico absolutamente oposto diz que a biografia do Getúlio é "tucano-udenista". Então, eu me divirto com isso porque a cegueira nesses dois casos é evidente. Quando você trabalha com a contradição, com o nível mínimo da complexidade, as pessoas se desorientam porque estão muito acostumadas ao pão pão queijo queijo. As pessoas estão muito binárias, dividindo o mundo como se vivêssemos uma grande quermesse entre o partido vermelho e o partido azul. Como se a vida se limitasse a isso. Esse binarismo, essa ideia de separar o mundo entre os bons e os maus, é uma decorrência não só do acirramento político recente no país, mas é consequência também de uma lógica e de uma

racionalidade ocidental que se construiu em cima das dicotomias – bem e mal, céu e inferno, certo e errado, branco e preto. Só que esse binarismo não dá conta da complexidade do mundo. No caso do Padre Cícero, aconteceu outra coisa muito interessante porque um site evangélico disse que eu deveria ter sido regiamente compensado pelo Vaticano porque eu teria feito um livro para beatificar o Padre Cícero. Por outro lado, um jornal de Juazeiro do Norte diz que escrevi um livro para denegrir a imagem do padre.

VC. E como reage a estas "constatações"?

LN. Gosto muito quando as pessoas me abordam depois da leitura do livro dizendo: "Peraí, eu terminei o livro sem saber se o Padre Cícero é um santo ou um impostor. Terminei sem saber se Getúlio é do bem ou do mal". E aí eu digo: "Ainda bem que você terminou com mais dúvidas do que com certezas". Acho que uma das tarefas do jornalismo e do jornalista não é semear certezas. É provocar dúvidas, descentralizar as certezas, descentralizar o leitor de algumas verdades pré-estabelecidas. Adoro quando alguém diz que terminou meu livro sem saber se o personagem X ou Y é do bem ou do mal como se o mundo se resumisse a esse tipo de dicotomia. Já ouvi de um jornalista, colega, durante uma entrevista, esse tipo de pergunta. Eu respondi: "Meu amigo, nós não estamos trabalhando com personagens de desenho animado e nem de novelas, em que há os vilões e os mocinhos". E mesmo nos bons desenhos animados, como *Tom & Jerry*, você não sabe nunca quem é bonzinho ou malzinho. Eles fazem atrocidades um com outro. Essa dicotomia é o que tem atrapalhado muito a compreensão das pessoas no mundo contemporâneo e de certa forma tem impossibilitado algo que é essencial, que é construção de canais de diálogo. As pessoas parecem muito mais predispostas a xingar, a julgar previamente.

VC. É típico da sociedade em rede...

LN. A internet está repleta de julgamentos sumários. Basta entrar nas caixas de comentários das notícias. Tem uma tirinha do Adão [do cartunista brasileiro Adão Iturrusgarai], que acho fantástica, em que o sujeito chega no *pet shop* para devolver o peixe que comprou porque ele queria um peixe de briga e aquele não estava brigando com ninguém. Ele estava lá o tempo todo na dele. Aí o balconista pergunta: "Mas você já colocou ele na frente do computador? Ele é valentão, é comentarista da internet". Isso levanta um outro aspecto que acho importante: o computador, as novas mídias, constroem um suposto muro entre quem fala e quem ouve, um muro tecnológico, em que você não olha o outro face a face e passa a dizer coisas que você não diria cara a cara. Então as pessoas alopram muito mais do que se elas tivessem diante de uma situação social, como se todos os filtros da mínima civilidade necessária para o convívio entre os seres humanos tivessem sido abolidos. De alguma forma, a gente tem a responsabilidade, como formador de opinião, de tentar colocar as coisas num outro patamar. De utilizar o argumento, não o xingamento.

VC. A biografia de Maysa faz dez anos em 2017. O que significou esse trabalho?

LN. Com o perdão e a licença pelo clichê, *Maysa* foi um divisor de águas. Por mais que eu tenha escrito outros livros antes de *Maysa*, como a biografia do presidente Castello Branco, lançada em 2004, e a biografia do José de Alencar, o romancista, lançada em 2006, e que me deu o primeiro Jabuti – e me deu, portanto, o princípio de visibilidade –, *Maysa* foi impressionante. Antes da minissérie [produzida e exibida pela TV Globo], o livro teve 11 reimpressões. Acho que as pessoas naquele instante estavam carentes de um personagem tão intenso quanto a Maysa. E uma coisa que me chamava a atenção nos lançamentos Brasil afora é que havia dois públicos muito diversos e muito sintomáticos. Tinha aquela parte da fila que era de nostálgicos grisalhos, que tinham ouvido Maysa quando jovens e estavam ali movidos mais pelas saudades, e tinha uma moçada muito nova, com *piercing*, tatuagem, porque via na Maysa uma espécie de ídolo *cult*, que, apesar de ser a deusa da fossa, tinha uma postura meio rock'n'roll, de contestadora. Tinha essa aura. Foi um livro que me deu muitas alegrias por isso: ter despertado nas pessoas, de diversas origens e diversas faixas etárias, uma atenção e um carinho muito grande.

VC. Depois vieram Padre Cícero e Getúlio.

LN. Acho que os meus livros todos têm um fio condutor. Primeiro, sempre procuro trabalhar personagens que me inquietam exatamente pelas suas contradições. Pelas suas ambivalências, pelas suas dificuldades de serem descritos e rotulados de forma objetiva. São personagens que foram contestados e amados. E ao mesmo tempo tem uma reflexão sobre o poder em suas várias manifestações. Em todos os meus livros o poder é um personagem. Os mecanismos de poder. Mesmo no caso de *Maysa*, há uma discussão sobre algumas instâncias do poder: o poder do mercado fonográfico da época, a grande recusa de Maysa em determinado momento da vida de fazer parte daquela máquina, a forma absolutamente ambígua como ela se relacionava com a imprensa de escândalos. Todos os livros, mesmo aqueles em que a política e o poder não estejam mais explícitos, como acontece no livro do Castello, do próprio José de Alencar, que tem todas as

> As pessoas estão muito binárias, dividindo o mundo como se vivêssemos uma grande quermesse.

questões dele com o imperador, daí o título *O inimigo do rei*, e os livros do Getúlio. E no caso do livro do samba, talvez eu nunca tenha feito um livro tão político como esse.

VC. Como decidiu pela "divisão" da história do samba?
LN. Como todo marco divisório é arbitrário, tive que arbitrar. Foi aí que percebi que a partir dos anos de 1930 o samba já era uma outra conversa. No momento em que o samba, que tinha nascido marginal, inicia principalmente nas engrenagens do mercado fonográfico, ele toma uma outra dimensão, com o surgimento do rádio e a chegada do Getúlio ao poder. Porque naquele momento o projeto político do Getúlio, da chamada Era Vargas, era construir um conceito de identidade nacional, de brasilidade, e o Estado Novo, um pouco mais tarde, a partir de 1937-1938, vai buscar no samba a trilha sonora desse projeto. O samba se encaixava como a música nacional por excelência nesse contexto. Defini que o segundo volume abrange de 1930 a 1945, ou seja, "coincidentemente" o mesmo período do segundo volume de *Getúlio*, porque é o momento em que o samba passa por essa dupla apropriação, vamos dizer assim. De um lado pelo mercado, a partir do surgimento rádio, e pelo projeto de poder nacionalista do Getúlio. O segundo volume, portanto, vai ser sobre a chamada Época de Ouro, em que o samba faz essas transformações não só do ponto de vista musical mas do ponto de vista das temáticas e tudo o mais. E o terceiro vai a partir da "década de ouro" até algumas derivações do samba contemporâneo. O terceiro volume vai até a década de 1980. O marco final do livro imagino que seja a construção do sambódromo, em 1984. Ali, naquele desfile, o Carnaval e o samba de forma derivada passam a ser uma outra coisa: ali você tem uma espetacularização definitiva do Carnaval, que passa a ser gerido não mais pela perspectiva da cultura mas do turismo. A ideia é que o segundo livro saia em 2018 e o terceiro em 2019. É um projeto que vai me tomar cinco anos de trabalho, assim como *Getúlio*. Achava que a minha "grande encrenca" da vida tinha sido o Getúlio. Hoje tenho absoluta consciência que não foi. Biografar o samba é uma "encrenca" infinitamente maior.

VC. Por quê?
LN. Primeiro porque o foco narrativo não é o indivíduo. São muitos indivíduos, muitas trajetórias. O meu desafio maior tem sido ver como essas trajetórias, entendidas como fios, se entrelaçam para construir um sentido de textura, de texto, ou seja, de que modo esses fios ganham significados e formam um desenho para compreensão do samba não como obra de sujeitos iluminados, de personagens iluminados, de gênios que surgiram, mas como uma grande obra coletiva. É por isso que o livro evita a todo momento individualizar determinados protagonismos, questões como "quem foi que fez o primeiro samba", "quem foi que inventou o surdo", "quem foi que introduziu o tamborim", "quem foi que fez a cuíca". Isso é uma discussão absolutamente sem sentido e bizantina porque o samba é essa construção a várias mãos. Por exemplo, o Bidi inventou o surdo. Bobagem. O surdo tem uma ancestralidade africana, vinda da grande diáspora. O samba foi entendido nesse sentido como uma construção do povo. E, claro, tem alguns personagens principais que aparecem nessa narrativa até porque foram personagens que tiveram uma certa dimensão e inserção no mundo do espetáculo. Porque eu fico imaginando quantos Nelsons Cavaquinhos, quantos Cartolas, quando Noeis existiram e não chegaram ao mercado do disco, ao rádio e foram "invisibilizados" como a maioria de todos os sambistas. A ideia é mostrar inclusive a violência que houve nesse processo de transformação do samba: de gênero maldito à gênero hegemônico. É uma história contada a partir dos conflitos. Os sambistas eram alvos de enormes preconceitos pelo fato de serem pobres e pretos. O livro tenta mostrar que uma certa visão eufórica e autocelebrativa da construção do samba como grande gênero nacional não foi fácil, não se deu de forma amistosa, harmônica. Não foi. Foi conflitiva. Tudo no campo da cultura se dá de forma conflitiva. E com o samba não seria diferente.

> A ideia é mostrar inclusive a violência que houve nesse processo de transformação do samba: de gênero maldito à gênero hegemônico.

MESTRES EM CENA

Reflexões sobre Shakespeare

Peter Brook

Um dos maiores encenadores do bardo inglês, Peter Brook aborda uma variedade de tópicos shakespearianos, tais como o polêmico tema da autoria, o trabalho do intérprete cênico e a reverência pela palavra e o verso.

Imaginai! O teatro de Gabriel Villela

Dib Carneiro Neto e Rodrigo Audi (org.)

Fotos de espetáculos teatrais e musicais, artigos de críticos, artistas e parceiros de trabalho, além de comentários do diretor sobre suas peças.

sescsp.org.br/edicoes

/edicoessescsp

edições Sesc

O amor diferentão

Da neurociência aos quadrinhos, o sentimento mais inspirador da literatura traz novas abordagens em livros que são antídotos para a "cultura do ódio" e caem muito bem no Dia dos Namorados

Em um momento histórico que transformou as discussões sobre a "cultura do ódio" em tema recorrente, o amor, em toda sua complexidade, continua, sim, firme e forte como fonte inesgotável para inspirar livros, ideias, comportamentos e percepções que, desde tempos remotos, rendem excelentes histórias. Não importa se romântico, fraternal, universal ou mesmo inominável, o sentimento amoroso dá o tom de junho, mês que tem um Dia dos Namorados, na Livraria da Vila, com seu acervo valioso e uma série de "novas" atrações que valem a leitura ou o presente inesquecível, inclusive pela surpresa da abordagem.

Lançado no mês passado, *Neurociência do amor* (Academia de Inteligência), do neurocientista Fernando Gomes Pinto, que ficou célebre como consultor do programa de TV *Encontro com Fátima Bernardes*, quer explicar o que acontece, afinal, no cérebro quando um ser humano está incontrolavelmente apaixonado. O instinto, o encantamento, a neuroquímica da paixão e o amor eterno são só alguns dos temas propostos no livro. Uma a uma, o estudo responde a questões comuns a muita gente. Quais são, por exemplo, os efeitos da paixão no corpo? "Durante a paixão o sistema de recompensa fica com mais dopamina, hormônio responsável pela sensação de bem-estar", responde o doutor Fernando. "A decisão sobre viver o amor depende unicamente de cada um e pode inclusive ser um antídoto em ambientes ou situações mais hostis", diz o médico ao falar sobre o contexto social atual, no Brasil ou no mundo.

"A estabilidade do amor maternal e do amor romântico, por exemplo, tem relação com um hormônio chamado oxitocina. Essa substância modula o cérebro para permitir que você sinta um amor incondicional, no qual você é capaz de dar a sua própria vida por outra pessoa, seja por um filho biológico ou adotivo ou por um grande amor. Nos seres humanos, o comportamento de fidelização tem relação com a vasopressina, um hormônio produzido no hipotálamo e liberado pela neuro-hipófise", afirma o neurocirurgião.

Mas como qualquer excesso é prejudicial à saúde, há contrapontos como o que aparece em *Morrer de amor e continuar vivendo* (Amora Editora), da designer Lorena Kaz, que junta dezenas de histórias em quadrinhos para tratar, na verdade, de dependência emocional, com toda a graça e o humor que podem ajudar a aliviar o peso da experiência. "Acredito que o amor tenha a ver com dar o melhor de si e com dar 'de coração', sem esperar nada em troca, sem interesse em ganhar algo, mas apenas com uma vontade de transbordar um bom sentimento de si para o mundo", diz Lorena (*leia entrevista nas próximas páginas*).

Longe de ser território restrito para leituras adultas, o amor também rende títulos como o belo *Leo e Albertina* (Brinque-Book), de Christine Davenier, feito originalmente para o público infantil, mas adorável não importa a idade do leitor. Assumidamente singelo, traz a história de Leo, um porquinho que se apaixona pela galinha Albertina. Paralisado e sem saber o que fazer, já que ela sequer nota a presença dele, Leo começa a pedir conselhos a seus amigos sobre como agir. O argumento do livro é nobre: abordar a diversidade de sentimentos e a noção de que, muitas vezes, as pessoas tentam ser o que não são ou fazer coisas que não tem a ver com elas só para serem aceitas pelo outro.

"Ao longo de nossa história talvez não haja conceito mais complexo e mais mal compreendido do que o amor", disse a filósofa e professora Marcia Tiburi recentemente à *Vila Cultural*. Para compreendê-lo, o médico Nelson Hamerschlak escreveu um livro em que trata da importância do amor no processo de aceitação de um filho de orientação sexual diferente da que o pai imaginou (*leia nas próximas páginas*). Já o poeta e cronista Fabrício Carpinejar focaliza os vínculos entre amigos sob o título *Amizade é também amor* (Bertrand), com textos que, bem ao estilo do autor, combinam reflexões e humor. "Os amigos são para toda a vida, ainda que não estejam conosco a vida inteira. Amigo é destino, amigo é vocação", escreve Carpinejar, aumentando infinitamente as possibilidades de viver e ler o amor.

Ilustração Christine Davenier para o livro *Leo e Albertina* (Brinque-Book)

Leo, o porquinho, se apaixona pela galinha Albertina no belo livro da ilustradora e escritora francesa Christine Davenier, em *Leo e Albertina*

Os perigos do excesso

Ilustradora se inspira em depoimentos do grupo Mulheres que Amam Demais Anônimas para refletir, em quadrinhos, sobre dependência emocional no livro *Morrer de amor e continuar vivendo*

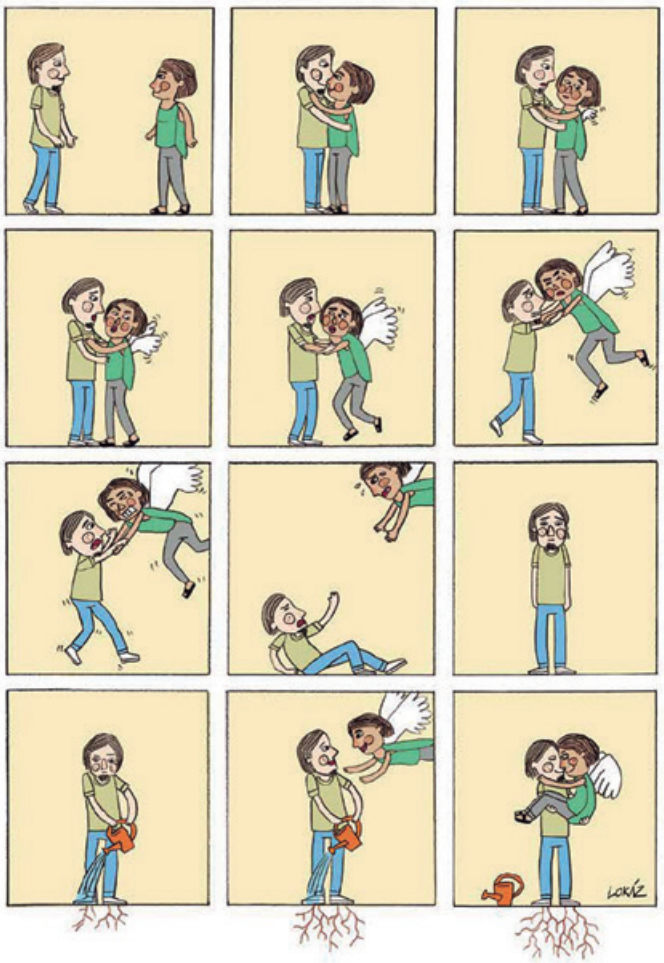
Há quatro anos, a designer carioca Lorena Kaz, 34 anos, resolveu juntar experiências pessoais sobre relacionamentos e histórias relatadas no grupo Mulheres que Amam Demais Anônimas (MADA), do qual fez parte, para retratar, em quadrinhos, reflexões sobre sentimentos e a dependência emocional. Assim nasceu o *Projeto Morrer de Amor – Apoio Emocional*, uma página que tem mais de 180 mil seguidores na internet. Para ampliar o alcance do projeto, Lorena publicou o livro *Morrer de amor e continuar vivendo* (Amora Editora), com 64 histórias em quadrinhos, algumas inéditas, que abordam temas como empoderamento feminino e relacionamentos, além de outros mais delicados, como a própria dependência emocional, relacionamentos abusivos e autoconhecimento. "Agora quero ajudar outras mulheres a se valorizarem e saírem da situação de abuso e dependência emocional dentro do relacionamento afetivo", diz Lorena, que concedeu a seguinte entrevista à *Vila Cultural*.

Lorena Kaz

Vila Cultural. Como descobriu que poderia ser feliz sozinha e o que faz para estar em dia com a sua autoestima?
Lorena Kaz. Ser feliz sozinha ainda é difícil para mim, assim como o é para a maioria da população, seja homem ou mulher. Nossa sociedade é muito individualista e as relações, romantizadas. Quase todo mundo se sente sozinho e carente. A minha autoestima melhorou bastante a partir do momento que comecei a olhar para mim e para os outros de uma forma mais amorosa e menos julgadora. Foi uma terapia que fiz, que envolvia CNV (comunicação não violenta) e práticas de meditação, que começou a abrir meus olhos para me criticar e me exigir menos. Quando comecei a focar mais em mim mesma e no meu autodesenvolvimento, ao invés de focar nos outros – no que faltava no outro, no que o outro "me devia" –, entendi que a minha realização pessoal depende de mim e não de um homem que viria "me salvar" da minha vida. Focando em mim, comecei a me desenvolver emocionalmente. Antes eu me via muito como uma vítima das pessoas e do mundo. Se ver como uma vítima apenas te mantém estagnado, preso e sem possibilidade de mudança.

VC. A que atribui sua tendência à dependência emocional?
LK. A dependência emocional está muito ligada à baixa autoestima. Na minha concepção particular, a baixa autoestima é um reflexo de uma conjunção de diversos fatores, como uma inclinação natural de cada indivíduo: seu "jeito" (tipo "fulano é calmo", "cicrano é curioso", "beltrano é desinibido" etc.), seu aspecto espiritual (para quem acredita, seriam questões espirituais que herdamos da família e de vidas passadas), seu aspecto hereditário (a herança genética dos antepassados), sua criação na infância ("se sentiu amado? Foi desqualificado? Foi abusado?") e também o exemplo externo ("presenciou uma relação de amor verdadeira? Sua mãe era uma pessoa positiva ou se sentia uma vitima da vida ou de seu pai?"), entre outros. Uma criança que cresce em ambiente hostil, sem se sentir amada, dificilmente terá uma boa autoestima. A pessoa com baixa autoestima, em geral, não vai ter forças para tomar a própria vida em suas mãos. Ela vai ter medo e preferir que outros tomem as decisões por ela, pois não confia em si mesma. É muito comum que essa pessoa queira agradar e faça "das tripas coração" para conquistar o amor dos outros, pois "aprendeu" na infância que é uma pessoa ruim e

não merece ser amada. A maioria destes processos é extremamente inconsciente e por isso é tão difícil tratar estas questões. A autoestima é provavelmente o aspecto mais importante da formação emocional do indivíduo, pois ela pautará os parâmetros de sucesso em todas as áreas da sua vida. Quem acha que merece mais, exige mais. Quem acha que merece menos, aceita menos.



VC. Qual o lugar do humor para viver ou superar uma experiência emocional nada engraçada?

LK. Gosto de retratar situações curiosas para mim e ver a interpretação dos outros sobre elas. Olhando para uma mesma história, pessoas diferentes têm diferentes interpretações e reações. Essa diversidade me encanta. No caso do meu trabalho, desenhei histórias mais para curar os outros do que para me curar. Acho que o desenho tem a capacidade (quase mágica) de fazer as pessoas entenderem as coisas que um monte de frases não dão conta de explicar. É a velha história: "uma imagem vale mais do que mil palavras". Quando uma pessoa lê um texto, ela está usando a racionalidade, julgamento, crítica, interpretação. É muito racional. Uma imagem, no entanto, às vezes pode criar uma conexão direta visão-emoção, onde algo pode ser entendido sem necessidade de explicação. O nosso mundo está cada vez mais rápido, as pessoas já não têm a mesma concentração, paciência, capacidade de ler como antes. Uma historinha, e ainda mais se for de humor, é mais acessível, simples, lúdica e facilmente digerível, especialmente se compararmos a um texto de psicologia. Sendo assim, acredito que um livro em quadrinhos tem a capacidade de ser mais abrangente e popular do que um livro de autoajuda sem imagens, por exemplo.

VC. Como define o amor e qual é, na sua opinião, o "limite" saudável para experimentá-lo?

LK. Acho que, no trabalho emocional, aprendi algumas coisas sobre o que não é amor... E sobre como as pessoas costumam confundir isso. Amor não é posse, não é ciúmes, não é insegurança. Amor não é o cuidado que você tem com o outro para se sentir uma pessoa melhor, para ganhar algo em troca ou para controlar o amor. O amor não te deixa ansioso, não te faz sofrer, não te faz chorar. Amor não é atração sexual, desejo, atração física. Amor não é vício, não é algo que você precisa ter para não desabar. Acredito que o amor tenha a ver com dar o melhor de si e com dar "de coração", sem esperar nada em troca, sem interesse em ganhar algo mas apenas uma vontade de transbordar um bom sentimento de si para o mundo. Um amigo uma vez me disse: "o contrário do amor é o medo". Fez bastante sentido para mim na época e sempre, a cada dia, constato que faz mais e mais sentido. Todos os gestos que causam sofrimento ao outro são motivados por medo. Medo de ficar sozinho, medo de sofrer, medo de perder, medo de admitir um erro, entre incontáveis outros medos. Sendo assim, é uma reflexão bastante plausível. Sem medo e com confiança, talvez seja mais fácil transmitir aos outros tudo o que há de bom. Admiração, orgulho, cuidado, carinho, alegria, felicidade. Novamente voltamos ao ponto da enorme importância da autoconfiança/autoestima. Não sei dizer exatamente o que é o amor, mas sei que ele anda lado a lado com a autoestima. Pois quem não consegue amar a si mesmo não é capaz de amar a vida, o mundo, outra pessoa. Já o limite do amor, acredito que não exista. O que eu "sei" é o limite da dependência emocional. Se você ama de verdade, quer o bem da outra pessoa, seu sentimento é puro e verdadeiro e sem interesses... não há limites para isso! Mas se você acha que não é capaz de ser feliz sem alguém, este é o limite da dependência. Se você sofre mas não consegue terminar porque você não acha que merece algo melhor, este é o limite da dependência e da falta de amor-próprio. A boa notícia é que qualquer pessoa é capaz de mudar, de melhorar e de se tornar mais feliz e menos dependente. O mais importante é querer.

Reconstrução amorosa

“O mais importante foi dar vazão a sentimentos profundos ligados ao amor que temos pelos nossos filhos”, diz o médico Nelson Hamerschlak, que relata em livro a descoberta e a aceitação de ter um filho gay

O amor é quase um “personagem” em *Baseado, chopp & cia* (Ipsis Editora), livro do médico hematologista Nelson Hamerschlak, que decidiu documentar e trazer a público, pela voz do pai, o relato íntimo sobre a descoberta e a aceitação da homossexualidade do filho. Hamerschlak lembra que, num primeiro momento, a revelação foi “extremamente traumática”. Ao longo de um processo que incluiu terapia, pesquisa e interesse pela compreensão e história da homossexualidade na experiência humana, ele entendeu, afinal, que o vínculo amoroso é, sobretudo no ambiente familiar, o ingrediente essencial na aceitação das pessoas como elas são. Até pela sua especialidade na medicina, não deixa de dar detalhes que surpreendem, ao longo do processo que viveu, como o episódio de ter coletado sangue do filho, por conta própria, tamanho o pânico de que ele tivesse sido contaminado com o vírus da Aids. Hoje em plena harmonia com o filho, o genro e o neto que eles lhe deram, Hamerschlak remonta no livro uma trajetória que é, na essência, a da reconstrução amorosa. Leia a entrevista que ele concedeu a *Vila Cultural*.

Vila Cultural. Em que contexto decidiu fazer *Baseado, chopp & cia*?

Nelson Hamerschlak. O livro foi uma catarse. Vivi a experiência de ter um filho gay. Não era o que eu idealizava mas trabalhei psicologicamente esta questão para mim e minha família. Para sublimar esta questão, julguei importante escrever toda a experiência. Depois veio a ideia de tornar o texto público para facilitar a vida de outras famílias. Demorei cerca de dois anos para escrever o livro nas horas vagas.

Nelson Hamerschlak

VC. Qual a relevância do processo de escrita no episódio que relata?

NH. O livro foi importante para o meu crescimento pessoal e à medida que as palavras e fatos iam para o papel, tudo se tornava mais forte, mais real. A grande lição foi valorizar na vida o que realmente importa. Interessante é que como médico eu já tinha um pouco desta consciência vendo doenças graves, mortes e famílias em sofrimento.

VC. Qual a importância do “pragmatismo do pesquisador” para lidar com questões emocionais tão complexas?

NH. Acho que não foi só pragmatismo do pesquisador. Existe aí um aspecto de minha personalidade, que é a dificuldade em exprimir emoções. De alguma forma, entender, baseado em fatos científicos e históricos, que homossexualidade não é uma opção e sim uma orientação ajudou muito, mas mais importante que isso foi dar vazão a sentimentos profundos ligados ao amor que temos pelos nossos filhos.

VC. Hoje, de maneira geral, como age ao perceber o “abismo que separa nossos sonhos” dos anseios dos outros?

NH. Todos devemos buscar nossos sonhos. O ser humano somente vive quando tem aspirações e objetivos. No entanto, nem sempre existe uma consciência coletiva. Isto é, as pessoas não são iguais, reagem diferentemente e seu comportamento não é comparável. Assim, temos que procurar a felicidade entre os nossos objetivos pessoais e aceitar o anseio dos outros, que pode não ser o seu.

VC. Além da compreensão das dimensões e da "ancestralidade" do preconceito, que outras percepções vieram com a sua "libertação da homofobia"?
NH. Nunca me considerei homofóbico. Convivi minha vida toda com a diversidade, inclusive a sexual. Acho que o sofrimento veio da constatação da homossexualidade de meu filho. A frustração ocorreu por conta da fantasia e aspirações que criamos para os nossos. Temos a ilusão de que as coisas vão ser como queremos ou idealizamos, nossos filhos vão escolher uma carreira convencional, ter a mulher que imaginamos, ser bem-sucedidos, ter muitos filhos etc.

VC. Até pela "brutalidade" do relato sobre o momento da descoberta da homossexualidade (em que o pai e o profissional de saúde atuam desesperadamente), o que acredita ser necessário para se libertar da "HIV fobia"?
NH. Creio que "HIV fobia" sempre existiu, desde a descoberta do vírus. Lembro que quando frequentava os congressos mundiais de Aids nos anos de 1980 este assunto era sempre ventilado. Aids era sinônimo de morte e discriminação. Hoje é uma doença crônica. Muito mudou. Mas ainda existe preconceito. Como se libertar disso não sei. Nos preocupamos com doenças graves e potencialmente mortais de uma forma geral. Na minha especialidade vivo com isso todo dia. O que procuro demonstrar é que é possível superar, vencer. Isso está mudando na Aids. As pessoas estão superando e vencendo.

VC. Ainda que, em 2017, não se possa falar em grupos de risco (apesar dos índices alarmantes que indicam aumento de contaminação entre jovens homossexuais), acha possível dissociar Aids e homossexualidade masculina?
NH. Sim. A Aids não está ligada a grupos de risco, mas a comportamentos de risco como relação sexual sem proteção, promiscuidade, compartilhamento de seringas no uso de drogas endovenosas etc. Temos que educar, educar e educar a população. Há necessidade de prevenção em todos os níveis.

VC. Citando uma frase do começo do livro, "pior que filho drogado, só filho veado", o que, na sua opinião, é fundamental na nossa batalha diária para lidar com julgamentos ou "hierarquias de tragédias"?
NH. Entender que qualquer que seja o ponto de desavença, filho continua sendo filho. Somente o acolhimento e a superação dos preconceitos podem ajudar a tornar o filho e a família melhores.

VC. Se pudesse dar uma dica para pais sobre como lidar com a homossexualidade dos filhos, o que diria?
NH. Converse com seus filhos, abrace-os. Entenda que é muito mais fácil ser heterossexual do que homossexual. Não se trata de uma escolha. Não permita que sua relação com seu filho não possa mais ser resgatada.

VC. E para os filhos homossexuais que, por um motivo ou outro, nunca falaram de orientação sexual com os pais?
NH. O sofrimento solitário deve ser muito grande. Creio que há necessidade de compartilhar. Logicamente, cada família é diferente. Cada pessoa é diferente. Uma fórmula para alguns pode não funcionar para outros. Conhecendo seus pais, escolha a melhor forma e momento para uma conversa franca.

VC. O que identifica como mais fascinante e surpreendente na sua trajetória entre ser pai e ser avô?
NH. Ao comparar minha trajetória de 1999 a 2017 posso garantir que hoje sou uma pessoa melhor. Curto estar com meu filho, genro e neto. Os dois netos, o Cooper, filho do Marcio e Andrew, e agora a Olivia, filha do Dudu e Fezinha, são meu sonho de consumo. Sinto falta deles todos os momentos. Troco qualquer coisa ou atividade para estar com eles.

> "A grande lição foi valorizar na vida o que realmente importa.

Foto Ramede Felix /Divulgação

Poder e humanidade

A expectativa em torno do filme *Homem-Aranha: De volta ao lar*, que estreia no mês que vem, é ótimo pretexto para entender porque o super-herói virou ícone da cultura pop

Por Rafael Menezes*

O "amigão da vizinhança" está de volta aos cinemas a partir do dia 6 de julho, quando estreia, agora como "parte oficial" do Universo Marvel, o filme *Homem-Aranha: De volta ao lar*, dirigido por Jon Watts, com superelenco que inclui, além de Tom Holland no papel do herói, nomes como os de Zendaya, Michael Keaton e de Marisa Tomei. Esse é segundo *reboot* do Homem-Aranha em menos de vinte anos e o sexto filme solo do personagem nesse mesmo período.

Depois da trilogia original de Sam Raimi (2002-2007), que criou a "receita de bolo" que a maioria dos filmes de super-heróis ainda segue, das continuações com Andrew Garfield (2012-2014) no papel principal, que ninguém entendeu exatamente a que veio – já que em nada diferiam dos originais e ainda eram bem mais fracos –, há uma grande expectativa entre fãs para ver uma autêntica repaginada no personagem com a promessa de volta às origens para o super-herói mais popular da Marvel.

A insistência de Hollywood em viabilizar produções do personagem se explica pela incrível popularidade do herói junto aos fãs de quadrinhos e até entre os que não leem usualmente. Mais do que um "simples" super-herói, o Homem-Aranha se transformou num ícone da cultura pop. Peter Parker, afinal, foi um dos primeiros heróis a se comunicar com seu leitor em um outro âmbito, ao passar por problemas bem conhecidos de todos como a falta de dinheiro para o aluguel, a dificuldade em relacionamentos amorosos, a vida em família e o desafio de lidar, como qualquer mortal, com questões de autoestima. Assim, sempre esteve muito próximo da realidade e consequentemente do leitor.

Essa abordagem "verossímil" foi um dos pilares da Marvel Comics nos anos de 1960, contrastando com a extrema fantasia da DC na mesma época. O Quarteto Fantástico, que foi a primeira investida da nova era, enfrentava ameaças galácticas, mas também tinha profundidade na caracterização dos integrantes da família Richards-Storm e os conflitos pessoais eram comuns entre os integrantes. Essa mudança de filosofia seria a base da empresa, que chegou até a mudar de nome (antes conhecida como Timely Comics) e desenvolver seus heróis em torno do conceito mais "pé no chão".

O Homem-Aranha, nascido na última edição da *Amazing Fantasy* em agosto de 1962, foi essencial para difundir essa imagem da empresa, especialmente para o público adolescente, que consumia produtos de super-heróis, mas muitas vezes só se via representado no papel de coadjuvante como o(s) Robin(s) ou Bucky do *Capitão América*. De repente, o leitor comum via um adolescente no centro da narrativa, que incluiu vida no colégio, o *bullying* de Flash Thompson e a insegurança do rapaz em meio a tudo isso. Mesmo sendo um super-herói, Peter passava por todos esses problemas demasiadamente humanos, além de encarar a parte fantástica vinda da paranoia do pós-guerra: a radiação.

Após a mordida de uma aranha radioativa, ele desenvolve poderes similares aos de uma aranha, sendo os mais notáveis a força extraordinária, o sentido pré-cognitivo de perigo e a habilidade de escalar paredes. Qualquer adolescente piraria com os poderes adquiridos e Peter não fugiu ao estereótipo usando-os somente em seu proveito. Aqui, a história de Homem-Aranha adquire então traços de "conto moral", pois, ao não impedir um assalto quando poderia usar seus poderes, Parker perde seu Tio Ben, baleado pelo mesmo assaltante que deixou escapar. A célebre frase "com grandes poderes vêm grandes responsabilidades" surge desse incidente. Esse tom trágico na vida do protagonista é algo que também não acometia tanto seus companheiros fantasiados. O perigo sempre parece ser mais palpável em Homem-Aranha do que em outras séries. Isso ganhou uma forma ainda mais terrível na clássica e trágica história *A noite em que Gwen Stacy morreu* (de junho de 1973). E o que era para ser só mais uma aventura do aracnídeo virou tragédia quando

Foto Divulgação

Cena do filme *Homem-Aranha: De volta ao lar*, de Jon Watts, que estreia dia 6 de julho no Brasil

1962
Em agosto, o herói nasce na última edição da *Amazing Fantasy*

1965
Peter Parker entra na Faculdade

1973
O elemento tragédia marca época em *A noite em que Gwen Stacy morreu*

1984
Homem-Aranha troca de uniforme na saga *Guerras secretas*

1987
Parker se casa com Mary Jane Watson

1988
A saga do "uniforme negro" termina com o surgimento do vilão Venom

o Duende Verde, um de seus mais famosos arqui-inimigos, derrubou a namorada do herói da Ponte George Washington e ele não conseguiu salvá-la. Em um momento em que o herói sempre salvava a "mocinha", nesse tipo de mídia ver a falha que acarreta a morte da personagem foi um choque para os leitores da época e influencia obras até hoje como, por exemplo, o *plot twist* de *O Cavaleiro das Trevas* (2008), que também é uma homenagem a essa HQ.

O tema do luto foi novamente abordado com a história, mas era um pouco mais sentido já que Gwen Stacy era uma personagem que estava todo mês nas bancas junto com o aracnídeo. Mesmo abordando este e outros assuntos relevantes, como a dependência química de Norman Osborn, o tom dos quadrinhos tinha o mesmo clima cotidiano de outros títulos da Marvel. Os anos de 1980, porém, foram um momento em que as HQ's mundiais mergulharam de corpo e alma no sombrio, com uma tentativa de deixá-lo ainda mais soturno ao introduzir um uniforme negro encontrado na saga *Guerras secretas*, que envolvia alienígenas e muitos heróis da Casa das Ideias. Juntamente com o novo traje, a atitude mais sóbria do herói durou de 1984 a 1988 e foi abandonada ao descobrir que a postura de Parker mudara, pois o traje novo era um "simbionte" vivo que o controlava e um outro arqui-inimigo nascia: Venom. Nessa época, Peter também se casou com Mary Jane Watson, personagem que hoje é bem mais conhecida como par romântico do que Gwen Stacy.

Os anos de 1990 trouxeram a infame *Saga do Clone*, criando uma grande bagunça sobre quem era o verdadeiro Peter Parker. Os fãs não entenderam até agora o que aconteceu na saga que só perde em termos de confusão para A *Morte e o renascimento do Super-Homem*, outro filho infame da década de 1990. Essas sagas delinearam o futuro dos quadrinhos em "maxissagas" que poderiam durar um, dois ou até mesmo três anos, definindo uma configuração que hoje impera nos quadrinhos, com um ou outro acerto. Um dos mais recentes é a saga *Guerra Civil* (2005), tendo um momento polêmico em que o Cabeça de Teia basicamente revela sua identidade para o mundo, ganha um uniforme novo do Homem de Ferro e troca de lados no meio da tal Guerra Civil. Parker tem uma importância grande na saga ao demonstrar o ponto de vista do leitor, tanto concordando como discordando de cada um dos dois lados da batalha.

Mais tarde, no novo milênio, a Marvel deu jeito bem bizarro de fazer com que todas as pessoas esquecessem desse detalhe e a identidade do Homem Aranha voltou a ser secreta, ao mesmo tempo que seu relacionamento com Mary Jane regrediu no tempo também (?!). Foram mudanças profundas para colocar o personagem em uma linha do tempo

Fotos Divulgação

2002/2007
A trilogia original do diretor Sam Raimi faz sucesso nos cinemas

2009
Em uma história mística, a Marvel altera a linha do tempo e Peter Parker volta a ser solteiro e ter a identidade desconhecida

2017
Homem-Aranha: De volta ao lar, de Jon Watts, estreia nos cinemas

1994-1996
A *Saga do Clone* inaugura o conceito de maxissaga, continuando uma história iniciada nos anos de 1970

2005
Junta-se aos Vingadores e revela ao mundo a identidade secreta em *Guerra Civil*

2012-2014
Dr. Octopus ocupa o corpo de Peter Parker na saga *Homem-Aranha Superior*

2015
A partir desse ano, o universo Marvel é reformulado novamente, destruindo e juntando dimensões, que inclui outra cronologia: Peter Parker agora é casado e tem uma filha. Além de Peter, há outro Homem-Aranha na ativa, Miles Morales, vindo do universo *ultimate*. (ainda inédito no Brasil)

anterior, que eu pessoalmente não gosto, mas é quase um padrão da indústria de super-heróis. Se algo não está dando certo, dê um jeito de deletar da história. Tirando esse "detalhe", o universo do Homem-Aranha nunca foi tão vasto: sua versão *ultimate* (uma espécie de universo alternativo ainda mais realista) e latina, Miles Morales, foi introduzida no universo oficial, e há vários outros heróis com poderes similares que formam um "Spider-Verse" como a *Mulher-Aranha*, que recentemente introduziu o tema gravidez nos quadrinhos da editora; *Silk,* uma super-heroína asiática já muito popular; e até mesmo uma nova versão de Gwen Stacy (ela morreu nos anos de 1970, mas a *Saga do Clone* a reviveu como clone – sim é uma bagunça), que hoje é a heroína *Spider-Gwen*. No Brasil, Peter Parker passa por uma fase em que seu corpo é controlado pelo vilão Doctor Octopus e apesar da bizarrice do conceito o quadrinho é muito divertido! Ao colocar um vilão, sem um pingo de humanidade, tentando ser um super-herói, criam-se situações bem divertidas.

Neste breve "resumo" de uma história que já dura 55 anos nos quadrinhos, ainda não dá para entender se o que vem por aí será "o" principal filme do herói, mas já dá para saber que há um retorno para o colégio e um Peter Parker mais adolescente, como nas HQ's originais, um Tony Stark como coadjuvante, um vilão não muito conhecido, que sempre dá margem para boas surpresas, muita representatividade no elenco jovem com destaque para Zendaya creditada como Michelle, mas que muitos apostam ser a nova Mary Jane, algo que seria fantástico. As respostas virão em breve, no mês que vem, mas é certo que o "material base" (*veja as dicas abaixo*) é diverso, rico e um bom aquecimento para o filme.

PARA LER AGORA

Spider-Man: Death of the Stacys – Stan Lee (Marvel Comics)

Homem-Aranha: A última caçada de Kraven – Neil Kleid (Novo Século)

Spider-Man: The complete clone saga – Tom DeFalco (Marvel Comics)

Guerra Civil – Mark Millar (Panini)

Homem-Aranha Superior (série abrange ***Mente conturbada, Meu pior inimigo*** e ***Sem saída***) – Vários (Panini)

*Formado em Letras pela USP, Rafael Menezes trabalha no setor de compras da Livraria da Vila, é leitor voraz, cinéfilo, *gamer*, expert em temas nerd, e um dos mediadores do clube de leitura *Leituras Compartilhadas*, da loja da Fradique, juntamente com os blogueiros *d'O Espanador*, blog que ajudou a criar e no qual publica esporadicamente.

Diário de lembranças

Os escritores Lira Neto, J.P.Cuenca, Marcia Tiburi e Matthew Shirts falam sobre a experiência de participar do *Navegar é Preciso*, que inspirou até um poema da Monja Coen, outra autora convidada do projeto em 2017

Fotos Gil Torres

"Navegar é mesmo preciso. Fomos e voltamos e tudo aconteceu como era pra ser, no tempo e no essencial do acontecimento, como se espera que seja com esses momentos incomuns. No entanto, só a literatura teria poder para explicar, se fosse o caso de explicar, o que foi esse passeio/viagem promovido pela Livraria da Vila pelo Rio Negro no seu sentido literário. O Rio Negro que corre na direção da literatura. Não era uma viagem como as outras, havia a questão literária entre nós, os livros dentro de um barco com escritores e leitores. Era um barco literário. Eu sempre amei os barcos literários. Com certa licença, coloquemos na lista desses barcos a Nau dos Insensatos sobre a qual falou Foucault, o barco de Charles Marlow em *O coração das trevas*, e o inesquecível Pequod de *Moby Dick*. Para mim, um barco é sempre um sonho e ali não era muito diferente. Porque 'Navegar é preciso' tinha algo mais, não era apenas um passeio no espaço, ao longo do Rio Negro. Era um passeio que envolvia um tempo, o tempo dos livros, o tempo das leituras, o tempo vagaroso do barco sobre a água densa. Navegar sem internet na época da internet, essa era uma parte fundamental do desafio. Foi como viajar a esses tempos que só conhecemos pelos livros, dentro dos livros. O barco como um livro pelo rio Negro da Vida, a Floresta Amazônica ao redor. Pelo Rio Negro, longe de tudo, sem internet, em contato unicamente com a distância, todo mundo vira personagem, até os escritores. Até mesmo as angústias mudam. Efeitos narrativos virão, como textos, como leituras. Na pele, no entanto, se inscreve a verdade do Rio Negro atravessando a Floresta, gigantesco, silencioso, antigo demais." **Marcia Tiburi**

Monja Coen e Marcia Tiburi

"A partida do cais de Manaus, tão colorido, num barco grande e novo, mas que traz um quê de outra época, mais lenta e formal, levanta os pelos nos braços da gente. Arrepia, como se diz. Cai o sol. Sou personagem em um romance que está por acontecer, penso. Monjas e músicos e escritores nos contam histórias, de dia e de noite, ao longo de toda a viagem. Somos muitos, mais de cem. Deixamos a tal da internet para trás, que delícia. Saímos de lancha no meio do gigantesco Rio Negro ao encontro dos animais, jacarés, preguiças, e cobras no alto das árvores, tudo dominado pelas águas. Comemos frutas de gostos fortes cujos nomes não consigo fixar na memória. Há um show lindo de Chico César e danças no barco. Cai uma chuva tamanha na última tarde que damos gargalhadas diante da força da natureza. De volta a Manaus, assistimos a um concerto de música clássica logo pela manhã no Teatro Amazonas. Meu Deus, que viagem!" **Matthew Shirts**

Lira Neto e Matthew Shirts

"Foi uma experiência inesquecível, tanto a imersão amazônica, quanto o convívio com colegas escritores e leitores de todo o Brasil. Eu destaco a bênção que é passar quase uma semana off-line. E o grau de profissionalismo de toda a operação – eu que tenho certo pânico de confinamento, fiquei aliviado com o espaço e o conforto da viagem." **J.P.Cuenca**

J.P. Cuenca

"(...) Durante cinco dias, seis autores – João Paulo Cuenca, Marcia Tiburi, Mario Prata, Matthew Shirts, Monja Coen – e eu nos revezamos no auditório do navio que singrou as águas escuras do Rio Negro, em incursões por igarapés e comunidades ribeirinhas, com direito a mergulhar com botos cor-de-rosa e conviver com araras, jacarés e macacos-de-cheiro. Durante todo o tempo, ficamos sem contato com o mundo exterior. No meio da floresta, sem sinal de wi-fi, celulares e tablets eram badulaques inúteis. Daí meu profundo desencanto quando, após o desembarque, atualizei-me das últimas notícias. Soube que, enquanto aprendíamos a respeitar os índios e a floresta, sorvendo a profunda sabedoria de Irê-miri, o país entrara em uma espiral de violência contra os povos indígenas." **Lira Neto**, em trecho do texto *Parecem urgentes os termos da canção: "Demarcação já!"*, publicado na *Folha de S. Paulo*, em 14 de maio de 2017

A viagem em versos

Por Monja Coen

As águas negras do rio refletem os céus e a vegetação.
Igarapés e igapós.
Verdes verdes verdes com troncos e raízes submersas.
Botos-cor-de-rosa comendo peixes oferecidos como chamariz tocam nossas pernas e corpos com seus corpos de pele escorregadia.
Susto e alegria.
A música antiga ressoa na memória:
Foi boto, sinhá
Foi boto, sinhô
que veio atentá
E a moça levou
Águas tépidas. Águas mortas. Águas negras sem insetos-larvas não sobrevivem aqui.
Jacaré pequenino de três anos, cobra branca pequena, bicho-preguiça, macaquinhos.
Navegar é preciso.
Aves pequenas-poucas, escondidas nas folhas das atas.
No barco, um grupo de pessoas, autoras e autores entrevistam autores e autoras.
Nova forma de conhecer com intimidade.
Falar de si, da sua obra.
Ouvir para entender.
Falar e silenciar.
Meditar. Refletir. Contemplar. Conversar.
Ouvir a música que exige *Demarcação já*.
Guias de traços indígenas amam a natureza e nos mostram as águas.
Motoristas das lanchas de motores japoneses avançam e silenciam.
Atentos a qualquer ruído.
Guardiões.
Gente boa essa do Norte brasileiro.
Sabem receber, acolher, alimentar e contar sobre os seringais que já não mais trazem a riqueza para seu povo.
Terminamos no Teatro do Amazonas, música clássica, música raiz.
Abençoados pelas reflexões, encontros, pensamentos e opiniões diversas, voltamos saudáveis num voo mais longo do que o prometido, como se querendo ficar mais alguns momentos juntos nos céus, enquanto São Paulo, em tempestade, impedia o pouso dos aviões.
Das águas negras aos céus encobertos – passageiros liam livros, tanto na ida como na volta.
Assim fluindo com as memórias do encontro do Rio Negro com o Solimões, vimos o Rio Amazonas se formando.
O tempo todo lendo e escrevendo o livro da vida.
Navegar é preciso. Viver é preciso e precioso.

Aprenda a cozinhar as mais deliciosas receitas do reino de Arendelle e divirta-se aprendendo mais sobre o universo de Frozen

Páginas internas

AVENTURAS INCRÍVEIS COM ATIVIDADES PARA **COLORIR E DESENHAR**

V&R EDITORAS

vreditorasbr
www.vreditoras.com.br

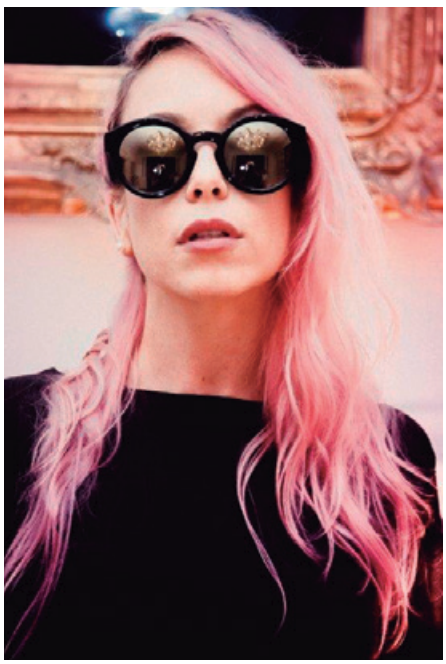
Histórias feministas

Autores respectivamente de *Bitch* e *Anita*, os escritores Carol Teixeira e Thales Guaracy conversam sobre as protagonistas de seus livros e refletem sobre o empoderamento das mulheres

Os escritores Carol Teixeira e Thales Guaracy falam sobre as personagens femininas de seus romances, feminismo, empoderamento e a mulher na sociedade contemporânea e na literatura em um debate especial, seguido de sessão de autógrafos, no dia 6 de junho, a partir das 19h30, na Livraria da Vila da Fradique.

Carol é autora de *Bitch* e Thales lançou recentemente *Anita – Um romance sobre coragem*, biografia de Anita Garibaldi. Os dois títulos saíram pela editora Record. *Bitch* narra as histórias de Princess, uma artista plástica de 26 anos que se relaciona com o mundo através da exploração do prazer artístico e sexual, e C., uma escritora sem inibições que está escrevendo um novo romance. A intimidade das duas e um "encontro metalinguístico" revelam dilemas cotidianos e existenciais de mulheres muito atuais. Na narrativa, o sexo é descrito como uma via de poder da mulher. Carol define o romance como "um livro de buscas femininas que fogem do clichê". Sobre sua protagonista, Carol diz que, apesar de jovem e linda, ela é insatisfeita. "Ela quer ser levada ao limite, quer bagunçar aquela vida perfeita, quer transcender os conceitos – mesmo que isso signifique estragar a vida dos outros ao seu redor. Ela é uma apocalíptica dentro dos integrados", afirma a escritora.

Anita, sexto livro Guaracy, conta a história de Anita Garibaldi pelos olhos do marido, Giuseppe Garibaldi, principal testemunha da vida da "heroína de dois mundos" que lutou ao lado dos republicanos no Brasil e na Itália, morreu na guerra e transcendeu sua época como precursora e símbolo do feminismo, representação de mulher forte e independente. Anita, diz Thales, foi uma guerreira impetuosa e uma amante apaixonada capaz de passar "de vítima do seu tempo e da sociedade para agente e protagonista da sua própria vida".



Thales Guaracy e Carol Teixeira

"Não existe nada no livro que não seja fiel à história, incluindo muitos diálogos, até onde os diálogos são conhecidos. Porém, para dar vida aos personagens é preciso também interpretá-los. Eu queria que o leitor pudesse ver Anita na sua frente, sentir seus sentimentos, assim como os de Garibaldi. *Anita* tem uma rigorosa pesquisa, mas as lacunas, aquele espaço onde entram os sentimentos, os motivos profundos, as emoções, eu acabo preenchendo com a interpretação dos personagens", disse Thales em entrevista ao Blog da editora Record.

DEBATE
Convidados: Carol Teixeira, autora de *Bitch* (Record), conversa sobre mulheres e empoderamento com Thales Guaracy, autor de *Anita – Um romance sobre coragem* (Record)
Loja: Fradique
Quando: dia 6 de junho, a partir das 19h30

Fotos Divulgação e Márcio Freitas (Carol Teixeira)

UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE O RISÍVEL, A MANIPULAÇÃO DA IMAGEM E O ESTETICAMENTE CORRETO.

DA AUTORA DE

COMO CONVERSAR COM O FASCISTA.

ridículo Político

Marcia Tiburi

A ANTROPÓLOGA MIRIAN GOLDENBERG REVELA OS SEGREDOS DA COMBINAÇAO PERFEITA PARA UM CASAMENTO FELIZ

O AGUARDADO DESFECHO DA SAGA A CASA DAS SETE MULHERES

BERTRAND BRASIL

/GrupoEditorialRecordOficial @EditoraRecord @GrupoEditorialRecord /GrupoEditorialRecordOficial

A extensão dos afetos

As relações e vínculos familiares e o cotidiano como experiência definitiva inspiram a delicadeza de *Trilogia do adeus*, que João Anzanello Carrascoza autografa na Fradique

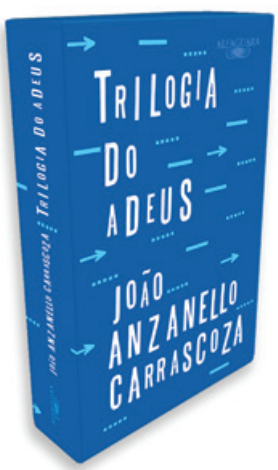
O escritor João Anzanello Carrascoza faz sessão de autógrafos dia 7 de junho, na loja da Fradique, para o lançamento de *Trilogia do adeus* (Alfaguara), caixa que reúne os livros *Caderno de um ausente, Menina escrevendo com pai* e *A pele da terra*, os dois últimos inéditos. A relação fragmentada das famílias, com uma "linha do tempo" que oferece perspectivas diferentes de afetos e vínculos, dá o tom desse trabalho de fôlego de Carrascoza, que acumula vários elogios pelos livros.

No primeiro deles, *Caderno de um ausente*, vencedor de um Jabuti em 2015 e reeditado agora, o pai João escreve uma longa carta para a filha recém-nascida, Beatriz, para o caso de ele não estar presente no futuro dela. No segundo volume, *Menina escrevendo com pai*, é Bia quem responde, narrando a vida e o relacionamento dos dois. Em *A pele da terra*, Mateus, filho mais velho de João e irmão de Bia, narra sua relação com o próprio filho, outro João, durante uma peregrinação. Assim, dá-se um olhar tríplice sobre os vínculos entre pais e filhos, e sobre como ações banais do cotidiano deixam marcas para a vida toda.

"Os temas literários não são como grãos distintos que aparecem numa bandeja a nossa frente e escolhemos esse ou aquele por algum motivo. São grãos que constituem nosso ser – e o meu tem na família, espaço onde

João Anzello Carrascoza

primeiramente nos deparamos com o outro, a sua espinha dorsal. Na família é que aprendemos a tecer os vínculos afetivos, a respeitar a alteridade, a desafiar ou não o poder, a pactuar as dores e as alegrias", disse Carrascoza a Almir de Freitas em entrevista para a revista *Bravo!*, agora em edições digitais. "Qualquer episódio particular, mesmo aparentemente o mais insignificante, é capaz de alcançar valor universal – desde que seja evocado com a força visceral da linguagem", declarou.



Autor de dezenas de livros, Carrascoza também atua como professor da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. Com sua obra literária, diz que busca ir "à raiz das coisas". Em plena sintonia também com crianças e jovens leitores, ele lança em breve outro livro infantojuvenil, *A Superlua*, que traz ilustrações de André Neves e sai pela editora Nós.

LANÇAMENTO
Livro: *Trilogia do adeus* (Alfaguara), de João Anzanello Carrascoza
Loja: Fradique
Quando: dia 7 de junho, a partir das 19h

Fotos Adriana Vichi e Divulgação

Ideais para curtir a dois

The Beatles: História, Discografia, Fotos e Documentos
Terry Burrows

Drinques e Comidinhas
Kay Plunkett-Hogge

As Viagens Mais Fantásticas do Mundo
Dorling Kindersley

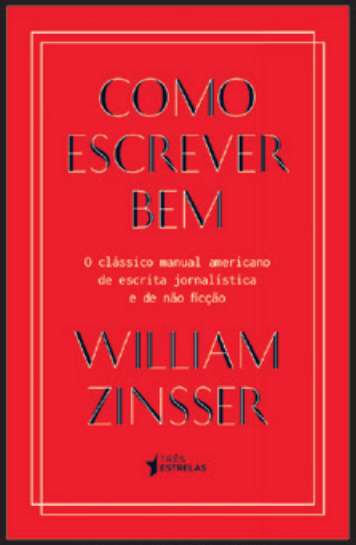
David Bowie: História, Discografia, Fotos e Documentos
Mike Evans

Vinhos: Aprenda na Prática a Degustar a Bebida
Marnie Old

Viagens pela Natureza Selvagem
Claes Grundsten
e Peter Hanneberg

PUBLIFOLHA
www.publifolha.com.br | facebook.com.br/publifolha | @publifolha

O guia mais seguro para aprimorar seu texto de não ficção



COMO ESCREVER BEM
William Zinsser

MARKETING EXISTENCIAL
Luiz Felipe Pondé

O sentido da existência na sociedade do cartão de crédito

TRÊS ESTRELAS

www.editora3estrelas.com.br
www.facebook.com/editoratresestrelas

A hora da despedida

"Espero que a morte dele seja um momento para a sociedade brasileira pensar sobre ética", disse Marina, filha do crítico literário Antonio Candido, que deixa legado admirável com sua obra e sua vida

A notícia da morte do escritor e crítico literário Antonio Candido, aos 98 anos, no dia 12 de maio, reverberou como uma experiência que ultrapassa a ideia do luto e da perda de um dos mais importantes intelectuais brasileiros. Além de evocar tristeza e saudades precoces, o desaparecimento do ilustre e cordial professor deixou um fio de esperança, ainda que remota, sintetizado na declaração de uma de sua filhas, Marina, que esteve com o pai até os últimos momentos. "Espero que a morte dele seja um momento para a sociedade brasileira pensar sobre ética. Ele era um homem muito coerente com seus ideais. Eu acho que seria bonito se o Brasil pudesse colocar a mão na cabeça e lembrar da geração dele, da geração que ele representa, uma geração que prezava os valores da democracia, os ideais e se comportava conforme valores mais amplos do que interesses pessoais e privados", ela disse, sintetizando a vida, a personalidade, o trabalho e as reflexões de um dos precursores da crítica literária no Brasil.

Docente da Faculdade de Filosofia e Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo, onde deu aulas no curso de Letras e era professor emérito, Antonio Candido de Mello e Souza nasceu no Rio de Janeiro em julho de 1918, viveu também em Minas Gerais e passou a maior parte da vida em São Paulo, cidade que conhecia e entendia como poucos e onde construiu toda a credibilidade ao fazer, como precursor que era, uma espécie de interlocução essencial entre a literatura produzida no Brasil e a produção literária universal. Candido, socialista convicto, abandonou o curso de Direito e graduou-se em Filosofia pela USP no começo da década de 1940. Na sequência, fez doutorado em Ciências Sociais. Antes de se formar, ainda nos anos de 1930, escrevendo para o jornal *Folha da Manhã*, resenhava, com olhar e conhecimento singulares, obras de autores como João Cabral de Melo Neto e Clarice Lispector. Em 1956, o professor, que já havia idealizado a revista literária *Clima*, criou o *Suplemento Literário* do jornal *O Estado de S. Paulo*, que se transformou numa referência do jornalismo cultural no Brasil.

Amigo de Oswald de Andrade, há muito Antonio Candido havia optado por viver longe dos "burburinhos intelectuais" e, em 2011, quando a Flip homenageou Oswald, o professor marcou presença memorável com seu senso de humor elegantemente discreto e sua timidez confessa. "Sou um homem do passado. Se os senhores prometem não contar nada para ninguém, ainda escrevo com máquina de escrever. Estou completamente fora do mundo literário. Nem sei quais são os autores atuais. Saio perdendo, evidentemente, mas há uns 20 anos que não leio nada novo. Nem do Brasil nem do estrangeiro. Não quero com isso dizer que os atuais não sejam do mesmo nível, só que eu não os conheço. (...) Estou com a vida intelectual completamente encerrada. Sou um sobrevivente. Mas fui muito amigo de Oswald de Andrade e decidi vir porque a filha dele, Marília, que é amiga de infância da minha filha, me pediu", disse na abertura do evento, para alegria de uma respeitosa plateia de admiradores.

"(...) Em *Formação da literatura brasileira* (1959), [Antonio Candido] mostrou como éramos um 'ramo' mais franzino da produção mundial das letras, mas que era esse pedaço que nos competia. Ditou norma, sedimentou cânones e criou uma história para que pudéssemos nos debruçar e abraçar", escreveu, no blog da Companhia da Letras, a antropóloga e historiadora Lilia Moritz Schwarcz, autora (com Heloísa Starling) de *Brasil: Uma biografia*.

"É preciso notar que em matéria de estudos literários sou autodidata, formado, não em Letras, mas em Ciências Sociais. Aprendi a fazer crítica na imprensa, sobretudo neste jornal, depois de um início em nossa revista *Clima*, de modo que me acostumei à fluência jornalística. Mas no fundo não gosto mesmo de termos difíceis, como os que predominaram no tempo da moda estruturalista. Frequentemente eles são um jeito de dar aparência profunda a coisas simples", disse Antonio Candido à *Folha de S. Paulo*, em 2006, quando do relançamento de *Formação da literatura brasileira*, uma entre as suas incontáveis colaborações para a identidade do país.

Ilustração Jonas Ribeiro

A lista do mestre*

O povo brasileiro – A formação e o sentido do Brasil,
de Darcy Ribeiro

Raízes do Brasil,
de Sérgio Buarque de Holanda

História dos índios no Brasil,
organizado por Manuela Carneiro da Cunha

Ser escravo no Brasil,
de Kátia de Queirós Mattoso

Casa-Grande e Senzala,
de Gilberto Freyre

Formação do Brasil contemporâneo – Colônia,
de Caio Prado Júnior

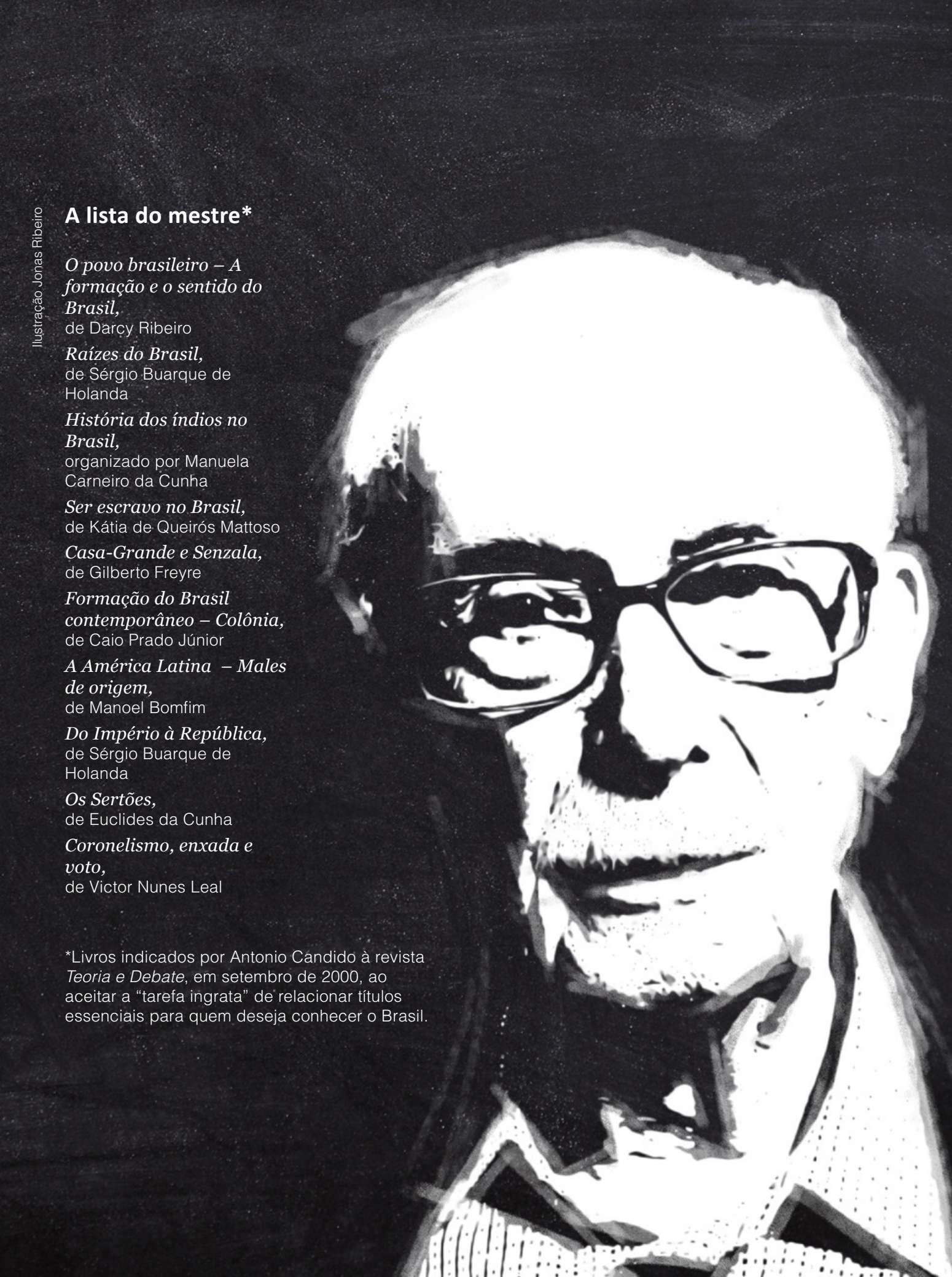
A América Latina – Males de origem,
de Manoel Bomfim

Do Império à República,
de Sérgio Buarque de Holanda

Os Sertões,
de Euclides da Cunha

Coronelismo, enxada e voto,
de Victor Nunes Leal

*Livros indicados por Antonio Candido à revista *Teoria e Debate*, em setembro de 2000, ao aceitar a "tarefa ingrata" de relacionar títulos essenciais para quem deseja conhecer o Brasil.



Lançamentos

8/6, QUINTA, das 18h30 às 21h30
Educação e trabalho – Aspectos relevantes do entrelaçamento desses direitos sociais no âmbito nacional e internacional
De Luiz Henrique Sormani Barbugiani
Ed. Lumen Juris

10/6, SÁBADO, das 16h às 19h
Fru-fruta
De Pati Bianco
Ed. Alaúde

19/6, SEGUNDA, das 18h30 às 21h30
Parceria público-privada municipal
De Luis Alberto Hungaro
Ed. Lumen Juris

1/6, QUINTA, das 19h às 21h30
Teses e dissertações na academia – A busca da essência
De Ruy Cezar do Espírito Santo
Independente

1/6, QUINTA, das 19h às 21h30
Cidades inteligentes – Polissemias urbanas e pensamento complexo
De Vivian Blaso
Paco Editorial

3/6, SÁBADO, das 15h às 18h
Simbologia dos animais
De Paula Pastore
Independente

5/6, SEGUNDA, das 18h30 às 21h30
Educação, herança sem testamento – Diálogos com o pensamento de Hannah Arendt
De José Sérgio Fonseca de Carvalho
Ed. Perspectiva

6/6, TERÇA, das 19h30 às 21h30
Anita – Um romance sobre coragem
De Thales Guaracy
Bitch
De Carol Teixeira
Ed. Record
Haverá bate-papo com os autores.

7/6, QUARTA, das 19h às 21h30
Trilogia do adeus
De João Anzanello Carrascoza
Ed. Alfaguara

8/6, QUINTA, das 18h30 às 21h30
Desequilíbrio estável
De Luciana Lachini
11 Editora

8/6, QUINTA, das 18h30 às 21h30
A personagem
De Beth Brait
Ed. Contexto

13/6, TERÇA, das 18h30 às 21h30
Cultura do consumo – Fundamentos e formas contemporâneas
De Isleide Arruda Fontenelle
FGV Editora

21/6, QUARTA, das 18h30 às 21h30
O tempo e os medos – A parábola das estátuas pensantes
De Maria Silvia de Mesquista Bolguese
Ed. Blucher

22/6, QUARTA, das 18h30 às 21h30
Homens
De Sylvia Loeb
Ed. Oficina de Conteúdo

23/6, SEXTA, das 18h30 às 21h30
Sintoma e fantasia no capitalismo comunicacional
De José Luiz Aidar Prado
Ed. Estação das Letras e Cores

28/6, QUARTA, das 18h30 às 21h30
O desemprego – Uma abordagem psicossocial
De Belinda Mandelbaum e Marcelo Ribeiro
Ed. Blucher

30/6, SEXTA, das 18h às 21h30
Lentes coloridas – Uma nova visão sobre destino e missão
De Vânia Faria Sutherberry
Mil Dreams Books

30/6, SEXTA, das 18h às 21h30
Iniciativas de atendimento para crianças negras na província de São Paulo (1871-1888)
De Daniela Fagundes Portela
Paco Editorial

1/6, QUINTA, das 18h30 às 21h30
Marketing existencial – A produção de bens de significado no mundo contemporâneo
De Luiz Felipe Pondé
Ed. Três Estrelas

2/6, SEXTA, das 19h às 21h30
Planejamento familiar – Igualdade de gênero e corresponsabilidade
De Denise Almeida de Andrade
Ed. Lumen Juris

3/6, SÁBADO, das 11h às 15h
Cavalaria em cordel – O passo das águas mortas
De Jerusa Pires Ferreira
Edusp

7/6, QUARTA, das 18h30 às 21h30
Fisioterapia no câncer de mama
De Angela Marx e Patrícia Figueira
Ed. Manole

10/6, SÁBADO, das 18h às 21h
Como conquistar talentos para sua empresa
De Luciano Miguel
Independente

12/6, SEGUNDA, das 18h30 às 21h30
Caverna do ódio e do preconceito
De Márcio José Silva
Ed. CRV

13/6, TERÇA, das 18h30 às 21h30
Privacidade e redes sociais virtuais
De Marcelo Romão Marineli
Ed. Lumen Juris

21/6, QUARTA, das 18h30 às 21h30
Eu sou, a aprendiz do amar e do viver
De Carmen Silva Quartim Barbosa Madia
Ed. Baraúna

23/6, SEXTA, das 19h30 às 21h30
O vendedor genial – 121 insights para você desenvolver sua genialidade na vida e nos negócios
De Lindomar Belem
Lura Editorial

* Programação sujeita a alteração.

29/6, QUARTA, das 18h30 às 21h30
Laço mãe-bebê – Intervenções e cuidados
De Silvana Rabello e Marina Bialer
Primavera Editorial

6/6, TERÇA, das 18h30 às 21h30
Questões atuais de Direito Aduaneiro e Tributário à luz da jurisprudência dos tribunais
De Vários Autores
Ed. IOB

7/6, QUARTA, das 18h30 às 21h30
Jamais esqueceremos – Terrorismo de Estado no Brasil
De Marcio José Silva
Ed. Lumen Juris

8/6, QUINTA, das 18h30 às 21h30
Saneamento Básico
De Luiz Felipe Graziano
Ed. Lumen Juris

29/6, QUINTA, das 18h30 às 21h30
Leviatã brasileiro – A tutela constitucional da ineficácia do servidor público
De Selma Regina Paschini
Ed. Lumen Juris

1/6, QUINTA, das 18h30 às 21h30
O contrato administrativo e os princípios da boa-fé, justiça contratual e função social do contrato
De Silvio Luis Ferreira da Rocha (Org.)
Ed. Lumen Juris

6/6, TERÇA, das 18h30 às 21h30
Autoescrituras performativas
De Janaína Leite
Ed. Perspectiva

6/6, TERÇA, das 18h30 às 21h30
Teatro da pedra
De Camila Sposati
Ed. Iluminuras

7/6, QUARTA, das 18h30 às 21h30
O trigal dourado
De José Domingos de Lima Pezza
Ed. Independente

8/6, QUINTA, das 18h30 às 21h30
Direitos humanos e institutos penais – Desistência voluntária e arrependimento eficaz
De Giovanna G. Naldi B. Gonzalez
Ed. Lumen Juris

8/6, QUINTA, das 18h30 às 21h30
O psicólogo no hospital – Da prática assistencial à gestão de serviço
De Ana Merzel Kernkraut, Ana Lucia Martins da Silva e Juliana Gibello (Orgs.)
Ed. Blucher

9/6, SEXTA, das 18h30 às 21h30
A bomba que falta
O domador de cometas
De Oswahldo Rosa
Independente

21/6, QUARTA, das 18h30 às 21h30
O tear da vida – Reflexões e vivências psicoterapêuticas
De Jean Clark Juliano e Irene Monteiro Felippe
Summus Editorial

21/6, QUARTA, das 19h às 21h30
Ridículo político – Uma investigação sobre o risível, a manipulação da imagem e o esteticamente correto
De Marcia Tiburi
Ed. Record

22/6, QUINTA, das 19h30 às 21h30
Psicanálise na ciência
De Christian Ingo Lenz Dunker
Ed. Blucher

23/6, SEXTA, das 19h30 às 21h30
Nova Lei Antitruste Brasileira – Avaliação crítica, jurisprudência, doutrina e estudo comparado
De Roberto Domingos Taufick
Ed. Almedina

Clube de Leitura

3/6, SÁBADO, das 16h às 18h
Debate Cinema e Literatura
Com Confraria das Lagartixas
Mais informações:
www.confrariadaslagartixas.com
Loja: Moema

4/6, DOMINGO, das 16h às 17h
Leia Mulheres: *A hora da estrela*
Com Vizette
Loja: Aurora

9/6, SEXTA, das 19h30 às 21h
Leituras Compartilhadas: *Amora De Natalia Borges Polesso*
Com Juliana Leuenroth, Rafael Kalebe e Rafael Menezes
Não Editora
Loja: Fradique

12/6, SEGUNDA, das 20h às 21h
Clube da Vila: *A marca humana*
Com Jéssica Carvalho
Apoio: Boitempo
Loja: Fradique

Cursos e Workshops

Educacuca
O objetivo primordial do Educacuca é promover o desenvolvimento, a aprendizagem e a socialização das crianças em seus primeiros anos de vida, além de instrumentalizar o adulto cuidador, orientando-o e enriquecendo seu repertório de brincadeiras. Para agendamento de aula experimental e informações sobre horários para cada grupo, consulte o site www.educacuca.com.br
Idade Permitida: 3 a 30 meses
Terças e quintas – **Loja:** Lorena
Quartas – **Loja:** Fradique

Palestras

3/6, SÁBADO, das 11h às 13h30
Diálogos do Lacaneando:
As paixões do ser na clínica psicanalítica
Com Liana Leão, Tatiana Assadi e Sandra Dourado
O que determina um afeto? Tradicionalmente, se diz que as paixões humanas são três: a do amor, a do ódio e a da ignorância. Neste debate, a proposta é aproximar Shakespeare e Lacan. Talvez ninguém tenha falado com tanta propriedade de paixão, em seu sentido mais amplo, como William Shakespeare. Nem de desejo, como estruturante do ser humano como Lacan.
Evento Gratuito
Inscrições: lacaneando@gmail.com
Loja: Batel

3/6, SÁBADO, das 11h às 13h
Café Lacaniano: *Distúrbios alimentares e obesidade*
Com Camille Gavioli e Fani Hisgail
Fome e amor: Necessidades imperiosas para todas e todos? Assim pensava Freud, psicanalista, inspirado em Schiller, poeta. Aplacadas pelos próprios meios ou com a participação de outrem? Enquanto mamíferos, a existência inicia-se na demanda de ambas; enquanto entes culturais, na dependência da mediação da linguagem, divididos pela impossibilidade de inteira satisfação.
Com açúcar, sem afeto: Quando apetites e pulsões entram em contradição surgem os sintomas como ônus dos excessos. Nos dias do hoje, não se precisa ser opulento para ser enorme, pois as calorias, ao alcance de qualquer um, inflacionam os corpos como consequência e castigo pelo prazer tido. Gozos e sofrimentos, gulas e anorexias. Dor avante, a insustentável leveza do ser já não é mais uma questão metafísica, senão psíquica e somática.
Evento Gratuito
Loja: Fradique

10/6, SÁBADO, das 11h às 13h
Sócrates ao Café: *Dar corpo à psique – O corpo diz sua mente?*
Com Bernadette Biaggi e Ana Paula Port
Como seria restaurar a capacidade da mente de reconhecer o próprio corpo e suas respostas internas, sensações, pulsos, ritmos internos de onde se organiza a psique?
Evento Gratuito
Loja: Fradique

24/6, SÁBADO, das 10h30 às 13h30
Diálogos do Lacaneando:
Sexualidades, identidade e gênero
Com Raul Pacheco, Rafael Kalaf Cossi e Leandro dos Santos
Longe de ser algo simples, a sexualidade envolve coisas muito distintas. Na sua experimentação está a atração erótica, a percepção de si, todos os sentimentos, os relacionamentos afetivos e as representações. A sexualidade põe em relação aspectos biológicos, psicológicos, sociais, históricos e culturais. Por isso, não se pode falar em um único desses aspectos como determinante da sexualidade de alguém. Gênero é uma categoria de análise social e, assim como a sexualidade, é concebida como uma produção da cultura.
Evento Gratuito
Inscrições: lacaneando@gmail.com
Loja: Lorena

FRADIQUE

3/6, SÁBADO, das 15h às 18h
O Sapo e a Lagarta
De Dani Grinberg
Cortez Editora
Haverá atividade infantil.

4/6, DOMINGO, das 15h às 18h
Chapeuzinho do avesso
De Elena Corigliano e Ana Luisa de Souza, com ilustrações de Paulo Caruso
M. Guarnieri Editorial

10/6, SÁBADO, das 15h às 18h
A cor de Corlaine
De Alexandre Rampazo
Rocco Pequenos Leitores
Haverá atividade infantil.

JK IGUATEMI

3/6, SÁBADO, das 16h às 17h
Atividade infantil com o Espaço Sambalelê
Idade indicada: a partir de 3 anos

4/6, DOMINGO, das 16h às 17h
Atividade infantil com o Espaço Sambalelê
Idade indicada: a partir de 3 anos

* Programação sujeita a alteração.

Divirta-se com os livros da Patrulha Canina.

Livro interativo com tela mágica

Livro interativo com quebra-cabeças

Livro interativo com cenário gigante e miniaturas

Livro interativo com miniaturas que grudam

Conheça também outros títulos infantis da Editora Melhoramentos.

EDITORA MELHORAMENTOS

CURTA A EDITORA MELHORAMENTOS

/editoramelhoramentos

www.editoramelhoramentos.com.br

Teatro Infantil

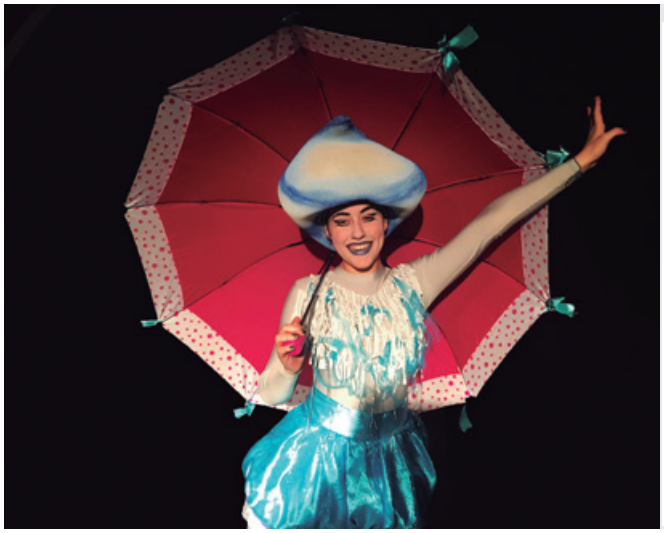
3/6 a 25/6, SÁBADOS E DOMINGOS, das 16h às 17h

O mundo de Pinóquio

Em comemoração aos três anos do grupo ContArte nas produções teatrais da Livraria da Vila, a remontagem do clássico *O mundo de Pinóquio*, peça que marcou a estreia do grupo, conta a história de Gepeto, conhecido carpinteiro da Itália que constrói um boneco de madeira chamado Pinóquio. Como Gepeto sonhava ter um filho, a fada resolve dar vida àquele boneco tão lindo e perfeito, mas com a condição de que ele nunca contasse mentiras e não fosse desobediente. Para desespero de Pinóquio, quando ele conta a primeira mentira o seu nariz começa a crescer. E assim começa a descoberta de Pinóquio e suas aventuras no mundo real, recheadas de humor e proximidade com os tempos atuais.

Local: Pátio Batel (*Curitiba*)

Valor: R$ 30 inteira | R$ 15 meia-entrada



3/6 a 25/6, SÁBADOS E DOMINGOS, das 16h às 17h

Vamos salvar o Planeta

Nascida graças à ajuda do Dr. Nascente, Gotícula parte da casa de seus pais Montanha e Nuvem e segue pelo curso do rio vivendo inúmeras aventuras, encontrando vilões até finalmente conseguir voltar para casa. Tudo isso num belíssimo espetáculo musicado!

Local: Galleria Shopping (*Campinas*)

Valor: R$ 30 inteira | R$ 15 meia-entrada

Teatro Adulto

3/6 a 24/6, SÁBADOS, das 20h30 às 21h30

Stand up Comedy

Marco Zenni em Não tenho culpa

Um compilado das melhores piadas dos solos do humorista, *Só ria!*, *Um pouco de tudo em um* e *Homem é Ogro*, além de novas histórias e cenas especialmente criadas para este novo show, que também representa um novo momento em sua carreira. Marco Zenni se sente mais maduro e crítico ao fazer o *stand up comedy*: "Sinto que agora meu olhar sobre as situações mudou, e isso muda o humor e como chegar a um *punchline*, ou seja, as coisas podem ser um pouco diferentes".

Local: Pátio Batel (*Curitiba*)

Valor: R$ 40 inteira | R$ 20 meia-entrada

TEATRO DA LIVRARIA DA VILA **Mais informações e ingressos:** www.ingressorapido.com.br

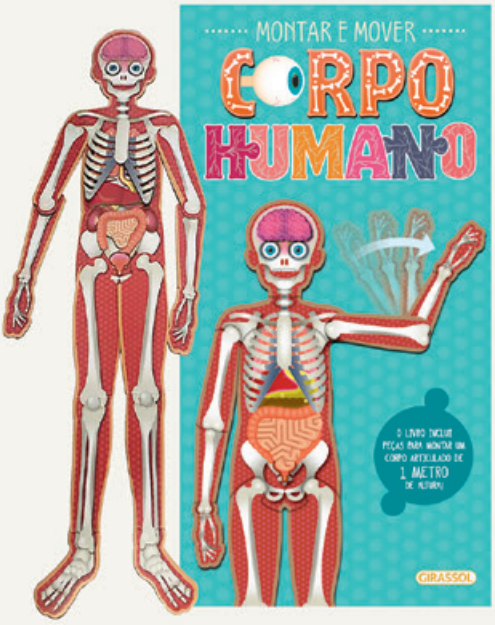
* Programação sujeita a alteração.

Fotos Divulgação

LEITURA, DIVERSÃO, APRENDIZADO

GIRASSOL
www.girassolbrasil.com.br

LIVRO GIGANTE: MEGA-ANIMAIS
capa cartonada | 26,3 x 38 cm
12 págs. | 978-85-394-1963-0



MONTAR E MOVER: CORPO HUMANO
INCLUI PEÇAS PARA MONTAR UM CORPO ARTICULADO DE 1 METRO!
capa dura | 19,5 x 37 cm
28 págs. | 978-85-394-1634-9

MONTAR E MOVER: T-REX
INCLUI PEÇAS PARA MONTAR UM T-REX ARTICULADO DE 1 METRO!
capa dura | 19,5 x 37 cm
28 págs. | 978-85-394-1635-6

EXPLORE O CORPO HUMANO
INCLUI UM INCRÍVEL ESQUELETO COM PEÇAS PARA MONTAR!
capa dura | 14,5 x 30 x 7 cm
48 págs. | 978-85-394-1636-3

TURMA DA MÔNICA
MAURICIO

TURMA DA MÔNICA
CLÁSSICOS ENCANTADOS 1
capa almofadada | 20 x 27 cm
70 págs. | 978-85-394-1591-5

TURMA DA MÔNICA
CLÁSSICOS ENCANTADOS 2
capa almofadada | 20 x 27 cm
70 págs. | 978-85-394-1629-5

© MSP - BRASIL / 2017

NOSSAS DICAS

LI E GOSTEI

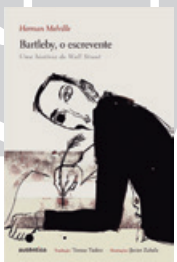
Gabriel Anton
Lorena

Declínio de um homem
Osamu Dazai

A história de Yozo é contada em forma de diário, dividido em três cadernos. Desde seu início, o narrador mostra estar sempre se sentindo deslocado e tendo que esconder suas inseguranças através de brincadeiras. Na juventude, se torna o tipo de pessoa que acha que pode se ferir com a própria felicidade, até chegar ao ponto de começar a questionar o que seria a sociedade e como tratamos uns aos outros. Escrito de forma visceral, e com grande teor autobiográfico, Dazai desenha o perfeito retrato da vida de quem alguma vez já se sentiu angustiado por estar na própria pele.
Estação Liberdade

LI E GOSTEI

Paula Skromov
Cidade Jardim



Bartleby, o escrevente
Herman Melville

Excêntrico, coitado e até aterrorizante. *Bartleby, o escrevente* é o conto de Herman Melville, autor do magistral *Moby Dick*, que marca os "poréns" das relações de trabalho já alucinantes da Wall Street de meados do século 19. Nem orgulhoso nem subserviente, nem modesto e nem insurgente. Por incomodar pouco, ele incomoda demais. Este é um livro que merece ser lido e relido.
Autêntica

MAIS VENDIDOS | *maio_2017*

Ficção

1º História da menina perdida
Elena Ferrante (Biblioteca Azul)
2º A amiga genial
Elena Ferrante (Biblioteca Azul)
3º Nossas noites
Kent Haruf (Companhia das Letras)
4º Uma sensação estranha
Orhan Pamuk (Companhia das Letras)
5º A livraria mágica de Paris
Nina George (Record)

Não Ficção

1º Rita Lee – Uma autobiografia
Rita Lee (Globo)
2º Propósito – A coragem de ser quem somos
Sri Prem Baba (Sextante)
3º Hebe – A biografia
Artur Xexéo (Best Seller)
4º Para educar crianças feministas – Um manifesto
Chimamanda Ngozi Adichie (Companhia das Letras)
5º Sapiens – Uma breve história da humanidade
Yuval Noah Harari (L&PM)

Infantil

1º Nhac!
Carolina Rabei (Brinque-Book)
2º O pote vazio
Demi (Martins Fontes)
3º Gildo
Silvana Rando (Brinque-Book)
4º Gildo e os amigos na praia
Silvana Rando (Brinque-Book)
5º Chapeuzinho Amarelo
Chico Buarque (Autêntica)

Juvenil

1º Os 13 porquês
Jay Asher (Ática)
2º Histórias de ninar para garotas rebeldes
Elena Favilli (Vergara & Riba)
3º Os imaginários
A. F. Harrold (Escarlate)
4º Vovô deu no pé
David Walliams (Intrínseca)
5º Extraordinário
R. J. Palacio (Intrínseca)

Importados | *adulto*

1º Fine jewelry couture – Contemporary heirlooms
Olivier Dupon (Thames & Hudson)
2º Genesis
Sebastião Salgado (Taschen)
3º Before they pass away
Jimmy Nelson (TeNeues)
4º The classic car book – The definitive visual history
Giles Chapman (Dorling Kindersley UK)
5º The history of art
Ernst H. Gombrich (Phaidon)

Importados | *infantojuvenil*

1º Me and you
Anthony Browne (Random House)
2º Captain Underpants – Color collection
Dav Pilkey (Scholastic)
3º The giving tree
Shel Silvertein (HarperCollins USA)
4º Matilda
Roald Dahl (Penguin Books USA)
5º Room on the broom
Julia Donaldson (Penguin Books USA)

CDs

1º Roberto Carlos EP 2017
Roberto Carlos (Sony Music)
2º Blue & Lonesome
Rolling Stones (Universal Music)
3º Tábua de esmeralda
Jorge Ben (Universal Music)
4º Disfarça e chora
Cartola (EMI)
5º Triplicate
Bob Dylan (Sony Music)

DVDs

1º Anos incríveis – A primeira temporada completa
(Screen Vision)
2º Anos incríveis– A segunda temporada completa
(Screen Vision)
3º La La Land – Cantando estações
(Paris Filmes)
4º Rogue one – Uma história Star Wars
(Disney Records)
5º Eight days a week – The touring years
(Universal Music)

Fotos Divulgação

PARA BRINCAR, PARA AJUDAR, PARA ESTUDAR...

O QUE MAIS VALE NA VIDA É TER

AMIGOS, MUITOS AMIGOS

32 páginas

Amigos, muitos amigos
Adalberto Cornavaca

Todo mundo tem aquele amigo especial que está sempre por perto, para brincar, para ajudar ou para estudar. *Amigos, muitos amigos* é uma homenagem aos irmãos que a gente escolhe: os amigos. Venha conhecer este grupo de animais superdivertidos que, como nós, sabem a importância da amizade. Afinal, nada na vida vale mais que ter amigos... muitos amigos!

editorapaulus

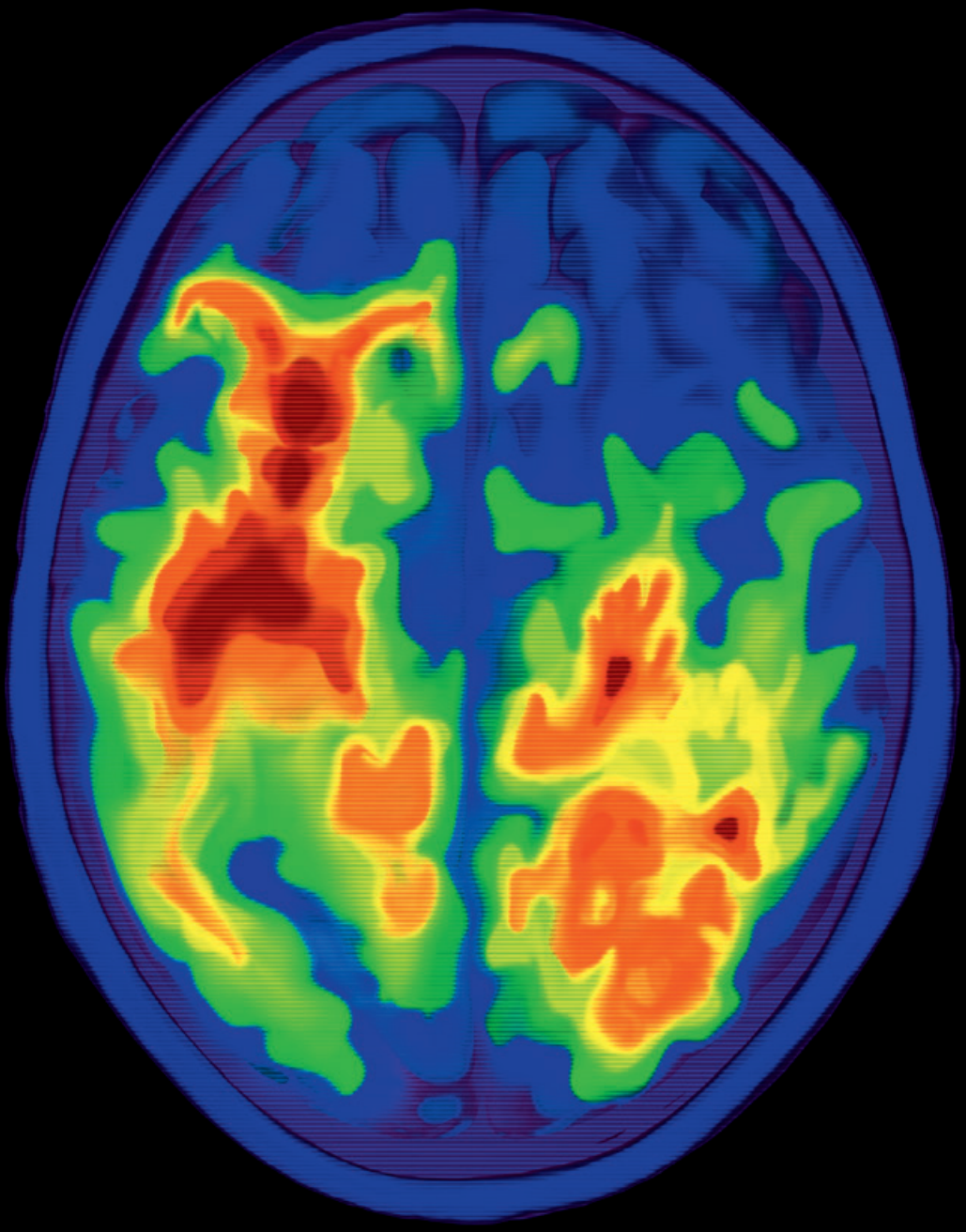
paulus.com.br

PAULUS

Y&R

A DIVINA COMÉDIA

Dante Alighieri



ASSISTA A UM LIVRO.

LIVRARIA DA VILA